

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA ACADÊMICA**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**Maria Teresa Tabarassi da Silveira Feital**

**O PROFESSOR, O ALUNO E AS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO  
NA SALA DE AULA: OPORTUNIDADES E ILUSÕES**

**Sorocaba / SP**

**2011**

**Maria Teresa Tabarassi da Silveira Feital**

**O PROFESSOR, O ALUNO E AS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO  
NA SALA DE AULA: OPORTUNIDADES E ILUSÕES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, UNISO, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Maurício R. Gonçalves

**Sorocaba / SP**

**2011**

### Ficha Catalográfica

Feital, Maria Teresa Tabarassi da Silveira

F333p O professor, o aluno e as novas tecnologias da comunicação na sala de aula : oportunidades e ilusões / Maria Teresa Tabarassi da Silveira Feital. -- Sorocaba, SP, 2011.

108 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Maurício R. Gonçalves.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) -  
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2011.

Inclui bibliografia.

**Maria Teresa Tabarassi da Silveira Feital**

**O PROFESSOR, O ALUNO E AS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO  
NA SALA DE AULA: OPORTUNIDADES E ILUSÕES**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente

Prof. Dr. Maurício R. Gonçalves  
UNISO, Sorocaba/SP

1º examinador

Prof. Dr. Paulo B. C. Schettino  
UNISO, Sorocaba/SP

2º examinador

Prof. Dr. Belarmino Cesar Guimarães da Costa  
UNIMEP, Piracicaba/SP

*Para*

*Ditinho e Dalva (meus pais)*

*João, Mariana e Marcela*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores e funcionários do programa de mestrado de Comunicação e Cultura da UNISO em particular aos professores das disciplinas cursadas durante o programa, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luisa Paraguai, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriam Cristina Carlos Silva, Prof.Dr. Paulo Celso da Silva, Prof.Dr. Paulo Schetino e Prof. Dr. Osvando J. Morais, mentes iluminadas com as quais tive o privilégio de conviver.

Aos professores examinadores, Prof. Dr. Mauricio R. Gonçalves (meu orientador), Prof. Dr. Paulo Schetino e Prof. Dr Belarmino Cesar Guimarães da Costa pela prontidão em participar desta banca e cujas opiniões e sugestões muito contribuíram para o aprimoramento e conclusão deste trabalho.

E dois agradecimentos especiais: um para o Prof. Dr. Mauricio R. Gonçalves pelo tempo e paciência durante a orientação deste trabalho; e outro ao Prof. Dr. Osvando J. Morais, meu professor e coordenador do curso que sempre foi generoso e atencioso com seus alunos, demonstrando uma dedicação e um cuidado que só podem caber em uma pessoa de muito brilho.

Sinto-me orgulhosa por ter conhecido todas estas pessoas.

## RESUMO

Este estudo procura investigar a importância da existência e da permanência das salas de aula, ainda fundamentais na formação profissional, ética e criativa de estudantes universitários de cursos de formação tecnológica, em um momento que o ensino a distância aparece como uma descoberta revolucionária no aprendizado e “construção do conhecimento” no Brasil. A cada avanço tecnológico (rádio, televisão e *Internet*) a sociedade atribui aos novos processos comunicacionais uma expectativa educacional gerando questões delicadas na área de interface. É importante o uso das tecnologias atuais na sala de aula para favorecer o aprendizado, mas é preciso saber usá-las e entendê-las. Elas são meios de aprendizado e não o aprendizado, por isso a sala de aula continua sendo um ambiente importante que pode fortalecer e marcar as relações interpessoais no segmento analisado. O real impacto das tecnologias atuais no processo de aprendizagem e na relação entre professores e alunos ainda precisará ser melhor avaliado devendo-se compreender que essas tecnologias, assim como as anteriores, têm limitações. Acredita-se que cabe aos educadores desenvolver práticas pedagógicas que tenham como foco o aluno e suas expectativas, as relações humanas e a integração cultural e não a tecnologia e seus potenciais, mesmo por que a tecnologia disponível hoje deverá tornar-se superada em apenas alguns anos. As observações deste trabalho foram realizadas em uma faculdade, durante o desenvolvimento da disciplina de Comunicação Empresarial, que tinha como objetivo melhorar a comunicação oral e escrita dos alunos dos cursos de Gestão da Qualidade e Processos Gerenciais

Palavras-chave: comunicação, educação, ensino superior, relações humanas, processos comunicativos.

## ABSTRACT

This study intends to investigate the importance of the existence and permanence of the classrooms, still essential to the professional, ethical and creative formation of College students, at a moment when distance-learning comes up as a revolutionary discovery in the learning process and the “knowledge upbringing” in Brazil. At each new technological advance (radio, television and *Internet*) the society bestows to the new communicational processes an educational expectation which brings up delicate issues to the area of interface. It is important to use the new technologies in the classroom as tools to favor the learning process, but it is necessary to know how to use and understand them, because they are means of learning and not the learning itself, the classroom is still an environment that strengthens and determines the interpersonal relations. The real impact of the new technologies in the learning process and the relations between teachers and students still needs to be evaluated through researches to help us understand that these new technologies, as well as the previous educational technologies, also have their own limitations. It is the duty of the educators to develop pedagogical practices which focus on the students and their expectations, the human relations and the cultural integration and not the technology and its potentials, even because the technology available today might become obsolete in just a few years. The observations of this research were performed on an college, during the development of the Entrepreneurial Communication discipline which aimed at improving the oral and written communication of the students of Quality Management and Management Processes

Key words: communication, education, higher education, human relations, communication process.



## **LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS**

<b>Tabela 1: Perfil Demográfico dos Alunos Selecionados</b>	<b>80</b>
<b>Tabela 2: Desempenho na Avaliação Oficial Antes e Depois das Práticas Pedagógicas</b>	<b>95</b>
<b>Gráfico 1: Distribuição das Estratégias Pedagógicas</b>	<b>88</b>
<b>Gráfico 2: Auto-avaliação (dos alunos) em Comunicação Empresarial</b>	<b>92</b>
<b>Gráfico 3: Avaliação Oficial da IES em Comunicação Empresarial</b>	<b>93</b>
<b>Gráfico 4: Resultados da entrevista em função de fatores da EAD</b>	<b>98</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 AS MÚLTIPLAS INTERFACES DA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO</b>	<b>20</b>
1.1 A <i>Internet</i> na Sala de Aula	31
1.2 Ensino Presencial x Ensino a distância	34
1.3 EAD - uma tendência da qual não podemos escapar	39
1.4 O Meio Termo: uma sabedoria aristotélica	45
<b>2 A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO DA SALA DE AULA</b>	<b>52</b>
2.1 A Sala de Aula - construção de espaços como parte de uma cultura de identidade	56
2.2 O Ciberespaço e a Cibercultura	58
2.3 A Relação Professor-Aluno neste contexto	66
2.4 O professor e os novos desafios	70
<b>3 ANÁLISE EM UM CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA</b>	<b>76</b>
3.1 O curso da IES analisada neste estudo	77
3.2 O aluno- perfil predominante	79
3.3 A construção de espaços na IES analisada	82
3.4 Estratégias Pedagógicas	85
3.4.1 O uso de crônicas	88
3.4.2 O uso de vídeos	90
3.4.3 Avaliação das estratégias	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>102</b>
<b>Apêndice I: Questionário</b>	<b>104</b>
<b>Apêndice II: Entrevista semi-estruturada</b>	<b>106</b>
<b>Anexo I: Portaria nº 2253 de 18 de Outubro de 2001</b>	<b>107</b>

## INTRODUÇÃO

As descobertas e os avanços do conhecimento científico transformaram o trabalho, os meios de produção, a comunicação e a maioria das relações interpessoais e das relações com os espaços. Porém, as salas de aulas, até mesmo nas universidades, quase não mudaram. O ensino no velho estilo, com o professor de pé em frente a um grupo de estudantes, ainda permanece ativo. Para muitos, este é um modelo de mão única, focado no professor onde o aluno fica isolado no processo de aprendizagem. No modelo industrial de produção de estudantes em massa, o mestre seria o transmissor de um sistema de difusão correspondente àquele que transmite informação do emissor para o receptor, em sentido único e linear. Esse sistema é aperfeiçoado em algumas disciplinas, mediante o uso de laboratórios de informática ou o uso de alguma tecnologia como *data show* e vídeos, mas em geral o modelo permanece dominante.

Entretanto, se este modelo continua a existir com características tão peculiares através do tempo e de todo o desenvolvimento tecnológico é porque este espaço ainda é importante, principalmente para proporcionar experiências humanas presenciais, onde os estudantes convivem com várias vozes, opiniões que podem favorecer as construções de identidade.

A educação presencial tem uma longa história de sucessos na transmissão e construção de conhecimentos. A sala de aula comprovou-se como espaço de formação e desenvolvimento humano, socialização e construção de cidadania. Ao longo dos séculos, diferentes métodos e abordagens pedagógicas incrementaram as formas de ensinar e aprender.

A presença do educando em sala de aula possibilita a percepção e o tratamento de problemas ligados à compreensão de assuntos onde a comunicação e o relacionamento das

pessoas com o meio são mediados por diferentes tipos de linguagens e expressões. Na educação presencial, o todo da pessoa (corpo, razão, sentimentos, comportamentos, atitudes) pode participar dos processos de ensino e aprendizagem, proporcionando ao professor elementos a mais para avaliar o grau de interesse, aceitação ou satisfação dos alunos.

A *Internet* e as outras tecnologias atuais estão causando um grande impacto nas instituições de ensino, nos relacionamentos entre professores e alunos e no espaço da sala de aula. Porém, este impacto pode constituir novos desafios para que as relações se intensifiquem na busca de uma aprendizagem efetiva e contínua, sem que necessariamente a sala de aula e todas as suas experiências presenciais tenham que desaparecer.

Para Moraes (1997), se a ênfase do processo educacional está no indivíduo, na aprendizagem e na construção do conhecimento, no desenvolvimento da compreensão e na necessidade de construção e reconstrução do homem e do mundo, então a educação, usando ou não as tecnologias atuais, deverá estar voltada para o desenvolvimento humano como fator importante neste momento de transição. Sabemos que as nossas decisões pessoais afetam, não apenas o comportamento de cada um, mas também, o comportamento dos indivíduos que interagem conosco.

O desenvolvimento humano depende de nossa capacidade de reflexão, do aprimoramento das habilidades de pensar e saber, o que significaria saber que se sabe. É aquele ser que pensa, que sabe o que quer, que escolhe e decide a sua experiência diante das possibilidades que se apresentam. É o ser que constrói a sua própria identidade, a partir de sua liberdade e autonomia para tornar-se sujeito (MORAES, 1997, p. 75).

A permanente evolução do mundo requer que o indivíduo aprenda a conviver com as incertezas, com os desafios, com o imprevisto e com o novo. Preparar o aluno para viver nesse processo de mudança contínua, que talvez seja a maior contribuição da escola e do

educador, requer ambientes de aprendizagem que desenvolvam a autonomia, a cooperação, o espírito crítico, a criatividade e capacidade inovadora.

Essa permanente evolução requer uma metodologia do aprender a aprender, do aprender a pensar, a partir das construções do sujeito que pode descobrir por si mesmo os melhores caminhos para a sua aprendizagem. É a autonomia do aluno que tem que ser desenvolvida cada vez mais dentro da sala de aula, possibilitando a ele aprender a pesquisar, a dominar as diferentes formas de acesso às informações, a desenvolver capacidade crítica de avaliar, de reunir e organizar informações relevantes.

Deve-se compreender que a *Internet* e o ensino a distância (EAD), assim como as tecnologias educacionais anteriores, também têm limitações. Cumpre aos educadores desenvolver práticas pedagógicas que tenham como foco o aluno e suas expectativas, relações humanas, e integração cultural e não apenas a tecnologia e seus potenciais.

Transformações em curso na sociedade que fortalecem a necessidade de formação continuada e a proliferação das tecnologias atuais de informação e comunicação estimulam mudanças ou pelo menos colocam em pauta os paradigmas educacionais. A educação presencial ainda consegue responder aos desafios dos novos tempos enquanto o EAD se apresenta com diversas limitações entre elas a própria inserção digital tanto por parte do aluno como por parte do professor.

No ensino tradicional, a sala de aula pode ser entendida como um espaço sócio-cultural, ordenado em duas dimensões: uma institucional, através do conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos (alunos, professores e administração); outra estabelecida pela complexa trama de relações que incluem alianças, conflitos, imposição de normas e estratégias individuais ou coletivas, de transgressão ou de

acordos ou seja, um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma aos relacionamentos (EZPELETA e ROCKWELL,1986).

Assim, o relacionamento entre professor e aluno na sala de aula recoloca a cada instante a reprodução do velho, expresso pelo ensino tradicional e a possibilidade da construção do novo através do ensino a distância, e nenhum dos lados podem antecipar uma vitória completa e definitiva. Esta abordagem permite ampliar a análise educacional com a interface comunicacional, na medida em que busca apreender os processos reais, cotidianos, que ocorrem no interior da sala de aula, ao mesmo tempo em que entende a presença cada vez mais intensa das tecnologias atuais na educação.

Outra dimensão que deve ser abordada na comparação entre o ensino tradicional e o virtual está relacionada à compreensão humana. No ensino tradicional, em sala de aula, a compreensão humana faz com que se compreenda alguém através da verdadeira comunicação humana, quando se incorpora além da comunicação uma parte de empatia e identificação entre o emissor e receptor das mensagens. Por isso, é importante compreender não só os outros como a si mesmo, a necessidade de se auto-examinar de se estabelecer uma relação de mão dupla entre o professor e o aluno suavizando incompreensão entre essas partes.

Contrapondo com o ensino tradicional temos o ensino a distância, que embora tenha a vantagem da flexibilidade do horário de estudo, eliminação da distância, dos deslocamentos e materiais dispostos de forma *on-line* temos que neste cenário a compreensão humana pode ceder lugar ao individualismo. Viver em uma sociedade individualista favorece o sentido de responsabilidade individual, que desenvolve o egocentrismo, o egoísmo. A redução do outro, a visão unilateral e a falta de percepção sobre a complexidade humana podem ser empecilhos da compreensão humana.

## Objetivos

O objetivo deste estudo é investigar a importância da manutenção das salas de aula, como fundamentais na formação profissional, ética e criativa de estudantes universitários do segmento analisado (cursos de formação tecnológica nas áreas de Gestão da Qualidade e Processos Gerenciais), em um momento que o EAD (ensino a distância) aparece como uma descoberta revolucionária no aprendizado e “construção do conhecimento” no Brasil.

A presença das tecnologias, principalmente do computador e da *Internet* nas salas, tem levado as instituições de ensino e os professores a adotarem novas posturas frente ao processo de ensino e de aprendizagem.

Levy (1995) afirma que a informática é um campo de tecnologias intelectuais, aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado. Nesse contexto, a questão do uso desses recursos que circulam via computador, particularmente na educação, ocupa posição central. É importante refletir sobre as mudanças educacionais provocadas por essas tecnologias, propondo novas práticas docentes e buscando proporcionar experiências de aprendizagem significativas para os alunos.

Qualquer iniciativa que estimule a participação do indivíduo no uso de tecnologias quer na sala de aula, quer na sociedade, deve ser incentivada. O que se questiona é se todo esse avanço promovido pelas tecnologias atuais de comunicação será capaz de contribuir para que o homem se torne mais participativo na sociedade em que vive.

Cabe à escola assegurar e estimular a democratização do acesso aos meios técnicos de comunicação mais sofisticados, bem como dar condições e preparar as novas gerações para a apropriação ativa e crítica dessas tecnologias atuais.

## **Justificativa**

O uso do computador e da *Internet* na educação tem como objetivo a integração do educador no processo de aprendizagem dos conceitos curriculares em todas as modalidades e níveis de ensino, podendo desempenhar papel de mediador entre o aluno e a construção do seu conhecimento.

O avanço das tecnologias de comunicação nos coloca novas preocupações pedagógicas tanto na educação presencial como na educação a distância e sobre as quais ainda precisamos de avaliação mais cuidadosa. Muitos dos cursos a distância simplificam o processo pedagógico, tem formatos massificadores e se preocupam pouco com a qualidade do processo ensino-aprendizagem visando mais o lucro e o retorno rápido de seus investimentos.

A ensino a distância (EAD), através da aplicação das tecnologias atuais, começa a trazer contribuições para a educação presencial. Algumas universidades integram aulas presenciais com aulas e atividades virtuais, flexibilizando tempo e espaço, ampliando o processo ensino-aprendizagem até agora praticamente confinados à sala de aula. De acordo com a portaria 2253 do MEC (Anexo I), o currículo pode ser flexibilizado, em 20% da carga total.

Com as tecnologias cada vez mais rápidas e integradas, o conceito de presença e distância se alteram e as formas de ensinar e aprender também. Estamos caminhando para uma aproximação sem precedentes entre os cursos presenciais e os a distância. Os presenciais terão algumas disciplinas parcialmente a distância e outras totalmente a distância.

Essa forma híbrida entre o presencial e o virtual pode viabilizar possibilidades de aprendizagem que combinarão o melhor do presencial nos limites da sala de aula, onde os relacionamentos podem fortalecer a sociabilidade e promover o aprofundamento cultural, com



as facilidades do virtual em que as fronteiras de espaço se quebram no que Pierre Levy denominou de ciberespaço (LEVY,1999).

### **Problemas de Pesquisa**

Observamos que apesar do grande número de estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre o uso das tecnologias, ainda há uma resistência por parte dos professores no seu uso em sala de aula. Disso decorrem os seguintes questionamentos:

- Quais os obstáculos que geram a resistência ao uso dos recursos computacionais por parte dos professores nas salas de aula?
- Como o uso de tecnologias interfere no processo ensino-aprendizagem dos alunos?
- Como preparar o professor para usar as tecnologias em sala junto com seus alunos?
- Como favorecer o entrosamento da formação em tecnologias com a prática profissional?
- Qual tem sido efetivamente a utilização das tecnologias nas salas de aula?
- Quais têm sido as dificuldades encontradas na prática?
- Quantos professores têm formação especializada em Tecnologias ou se mostram interessados em realizar cursos na área?
- O uso das tecnologias atuais é garantia de uma melhoria na qualidade de ensino?
- Como preparar o aluno para conviver com as mudanças que o ambiente formado pelas tecnologias atuais proporcionam?
- De que forma a instituição de ensino (IES) pode utilizar a aplicação de tecnologias para desenvolver um entrelaçamento social, visando o desenvolvimento do aluno?
- Que ações conjuntas em regime de parcerias as IES (extensão universitária) podem desenvolver para a comunidade aproveitando a sua estrutura de tecnologias?

Não se espera das instituições de ensino superior (IES) apenas o papel de transmitir conhecimentos. Ela deve ser incentivadora do uso de tecnologias atuais, a fim de permitir que seus alunos tenham chances de participar com maiores possibilidades no

mercado de trabalho concorrido e exigente de profissionais capacitados. Portanto, o uso das tecnologias atuais é uma necessidade que se mostra cada vez mais evidente.

Segundo Freire (2005), a educação sozinha não transforma o mundo, mas transforma as pessoas e, essas sim, transformam o mundo. É urgente a necessidade de formar professores autônomos comprometidos, que insiram em sua prática docente a busca constante de informação e atualização profissional para realizar um bom trabalho.

Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma (...) não há docência sem discência, as duas se explicam (...) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2005, p. 67).

Nesta relação, a importância do papel do educador se dá em ensinar os conteúdos bem como ensinar a pensar, respeitando a natureza do ser humano, propiciando as condições em que os alunos em suas relações uns com os outros e com o professor assumam o papel de ser social, pensante, comunicante, crítico e transformador.

## **Metodologia**

Conforme Gil (1994) pesquisar significa uma ação metódica para se buscar uma resposta. Para realizar uma pesquisa se faz necessário adotar determinadas metodologias e técnicas na busca de um conhecimento. Neste contexto, para a realização deste trabalho adotou-se uma pesquisa exploratória que procura proporcionar maior familiaridade com os problemas, com vistas a torná-lo mais explícito. Geralmente a pesquisa exploratória assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 1994).

Este estudo não tem a intenção de esgotar toda a problemática citada, mas o de investigar o uso das tecnologias atuais na contribuição da construção do conhecimento ao

mesmo tempo reafirmando a importância do espaço da sala de aula como elemento em que as relações pessoais entre professor-aluno e aluno-aluno podem ser mais aprofundadas.

O estudo de caso ficou restrito às turmas de Comunicação Empresarial dos cursos de Gestão da Qualidade e de Processos Gerenciais de uma IES da região. Para verificar a melhora, tanto na escrita quanto na leitura, foi realizada uma pesquisa descritiva de caráter comparativo procurando identificar a influência do trabalho em sala de aula com aplicação de propostas pedagógicas simples que não exigiam grandes tecnologias, tais como: leitura de crônicas e apresentação de vídeos. Na pesquisa buscou-se confirmar se o ensino presencial interfere ou não na construção das interações pessoais posteriores e constatar se eles tem acesso para um estudo a distância.

A pesquisa realizada foi aplicada durante o ano letivo de 2010 em dois momentos: um no início do primeiro semestre e outro, para servir de comparação, no final do segundo semestre. A intenção foi de identificar, nestes recortes, a eficácia do método presencial na disciplina de Comunicação Empresarial e se os alunos utilizam-se de tecnologias atuais, principalmente computadores e *Internet*, tentando mostrar o quanto estas ferramentas podem colaborar no desenvolvimento dos alunos.

A tabulação dos dados, a construção de tabelas e gráficos foram executados com auxílio da planilha Excel e do software estatístico Minitab.

### **Estrutura do Trabalho**

Esta dissertação é dividida em três capítulos. O primeiro, “As múltiplas interfaces da Comunicação e a Educação” aborda a relação entre essas áreas que geram questões de conflito e de absorção em sua interface. Explora a comparação e a identificação das vantagens e desvantagem do ensino tradicional realizado na sala de aula e daquele praticado à distância

com o uso de tecnologias atuais. Com base na fundamentação teórica proposta é colocada como uma possível solução o estudo semi-presencial, que seria uma forma híbrida onde se poderia ter o que há de melhor da educação presencial com a flexibilidade do sistema à distância.

O segundo capítulo “A importância do espaço da sala de aula” trata da construção e ocupação de espaços no uso da sala de aula e a questão do espaço para o ensino a distância em ambientes virtuais de aprendizagem. Neste capítulo buscou-se na literatura, de Pierre Levy e Gonzáles, o conceito de ciberespaço e cibercultura e foi dada uma visão geral da EAD analisando suas características e como se dá as interações e a formação das relações sociais entre professor e alunos neste ambiente em comparação com o ensino presencial.

O terceiro capítulo “Análise em um curso superior de tecnologia” aborda aspectos da educação superior de tecnologia e as diretrizes básicas dos cursos de Gestão da Qualidade e Processos Gerenciais de uma IES da região. Neste capítulo desenvolveu-se uma pesquisa junto aos alunos destes cursos com o objetivo de identificar o perfil dos alunos ingressantes, a evolução constatada na prática da leitura e produção de textos com o uso de estratégias pedagógicas simples (crônicas e vídeos, sem o uso da *Internet*) e a aplicabilidade/aceitação desses alunos em um aprendizado à distância.

Nas considerações finais são apresentadas algumas observações, bem como sugestões para futuras pesquisas a serem realizadas com a questão do ensino presencial *versus* a distância que não foram abordadas nesse trabalho.

## 1. AS MÚLTIPLAS INTERFACES DA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Educação e Comunicação sempre se relacionaram. É através do exercício da Comunicação que se desenvolvem atividades como o ensino, o confronto de idéias e a transmissão de conhecimentos. Porém, as facilidades e os prazeres que os meios de comunicação, principalmente a *Internet*, oferecem para a sociedade, estão competindo cada vez mais com os processos educacionais gerando uma série de reflexões na área da Educação, que nem sempre consegue se ajustar aos desafios propostos pela Comunicação.

O estudo da abrangência da área da Comunicação e o entendimento de suas interfaces são cada vez mais necessários para que a Educação consiga gerar experiências relevantes de aprendizagem e socialização, buscando interações que contribuam na aquisição de conhecimentos mais sólidos e profundos.

Quando somos perguntados sobre o que é Comunicação, uma resposta espontânea e quase imediata é a de que Comunicação é uma situação de diálogo, onde duas pessoas (emissor-receptor) conversam, trocam idéias, informações ou mensagens. Porém, se formos solicitados a pensar mais amplamente sobre a questão, facilmente diremos que animais também se comunicam, bem como aparelhos como computadores, além de lembrarmos da comunicação visual, gestual e a comunicação de massa. A comunicação visual e gestual dispensam as palavras; a comunicação entre animais, assim como pelas máquinas, dispensam a intervenção de pessoas; e a comunicação de massa extrapola o quadro de uma relação bipolar, direta e imediata que caracteriza o diálogo (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2010).

Para Braga e Calazans (2001), quando se fala em Comunicação, a primeira tendência é a de pensarmos nos grandes “meios de comunicação” como televisão, rádio,

jornal, redes informáticas, pois é através destes meios que se processa a maior parte das comunicações sociais modernas; além das tecnologias mediáticas parecerem conformar os modos, os processos e até mesmo os objetivos das comunicações.

Tanto para Hohlfeldt, Martino e França quanto para Braga e Calazans definir Comunicação é uma tarefa difícil, que precisa ultrapassar e aprofundar as percepções, no que se refere ao próprio conceito de Comunicação e ao entendimento da sociedade que dispõe de tais tecnologias. A diversidade da comunicação faz com que o campo de estudo coincida, num primeiro momento, com o estudo do Ser, pois desde que a história identificou a existência de grupos humanos, identificou-se também a interação humana, podendo-se afirmar que a comunicação é natural ao homem.

A preocupação sobre “como” os homens se comunicam passa a despertar mais interesse a partir do século XIX, como parte do desenvolvimento da sociedade moderna na Europa, antes do alto desenvolvimento das tecnologias mediáticas. Até então, os problemas e os processos da interação humana se colocavam como inscritos em questões sociais especificadas por outros problemas como a política, a retórica, a arte, a ética, o direito. Hoje, distinguimos em todas estas áreas questões de comunicação que antes eram percebidas como questões dependentes dos processos sociais (BRAGA e CALAZANS, 2001).

Os homens se inscrevem em comunidades e desenvolvem estrategicamente o seu ser, criando um espaço no qual as comunicações naturalmente ocorrem; a comunicação assume sua forma simbólica no que diz respeito à cultura, por isso também existe uma preocupação com a comunicação em espaços mais amplos e generalizados que os determinados pela política, pelas artes, pelo direito ou pela moral estabelecida, devido a sociedade moderna ter desenvolvido uma “cultura de massa” que não é determinada pela tradição.

Quando falamos de cultura, temos que atentar para o fato de estarmos trabalhando um conceito que já indica um processo de comunicação: a cultura implica a transmissão de um patrimônio através de gerações (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2010).

O indivíduo não tem seu vínculo coletivo, nem sua identidade assegurados de antemão pela tradição, mas deve construí-lo através de seu engajamento espontâneo na diversidade das formas coletivas de agrupamento (...) o processo comunicativo passa a ser investido como estratégia racional de inserção do indivíduo na sociedade (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2010, p. 199).

Paulo Freire (2005), quando nos apresenta sua pedagogia da autonomia e faz reflexões sobre o “inacabamento” do homem, acredita que quando passamos a ter consciência deste inacabamento passamos a ser responsáveis e a ter ética sobre a nossa presença no mundo. Para Freire (2005), não é possível estar no mundo, com o mundo e com os outros sem fazer história e cultura e sem sermos feitos por elas.

O mundo da cultura que se alonga em um mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade (...) por isso mesmo a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética (FREIRE, 2005, p. 56).

Embora as possibilidades oferecidas com o desenvolvimento das tecnologias atuais estejam cada vez mais acessíveis a todos, ainda estamos longe de uma clivagem plena entre consumidores dessas tecnologias e aqueles das mídias tradicionais.

O desenvolvimento das tecnologias que viabilizaram o registro e o transporte de sons e imagens foram direcionados para viabilizar comunicações a distância. A fotografia e o cinema, por exemplo, foram pensados inicialmente como modos de captação e registro da realidade, mas em seguida foram explorados para fazer circular as imagens registradas. Desta maneira, não são os meios de comunicação que direcionam a sociedade, mas sim a sociedade por meio de suas necessidades e interesses que os determinam.

Braga e Calazans (2001) apresentam três razões básicas para observar as mídias ao tratar das questões da Comunicação: 1- os meios de comunicação audiovisual são o fenômeno sócio-histórico que ajudou a perceber, objetivar e problematizar os processos comunicacionais em perspectiva destacada; 2- a presença dos meios de comunicação de massa como processo comunicacional e de produção de sentidos compartilháveis na sociedade contemporânea devido ao vasto aparato tecnológico, empresarial, cultural e profissional voltado para veiculação de mensagens e para a produção de efeitos de fruição estética ou entretenimento; 3- a mídia como fenômeno que põe em causa modos habituais de “conversação social”, que se fazia e se faz dentro de outros espaços organizados de funcionamentos sociais: política, educação, artes, economia, produção cultural, interações culturais – modificando-os.

Segundo Braga e Calazans (2001), o que observamos é uma sociedade moderna ampliando e diversificando suas possibilidades de interação mediatizada, através de novos procedimentos e tecnologias, que vão compondo ao lado do livro e do jornal, um conjunto crescentemente complexo que viabiliza uma variedade de produtos e processos (informações, trocas de mensagens, entretenimento, conhecimentos, criação estética) utilizando diferentes substâncias expressivas (som, imagem, expressão verbal escrita ou oral, formas, cores). Este conjunto de meios pode ser descrito e categorizado segundo diversos critérios, referentes a gêneros, tipos de produtos sociais, objetivos, ou processualidades, podendo ser caracterizados em três grandes conjuntos conforme o tipo de interação que propiciam: 1- Meios e processos difusos e diferidos – circulação para um público generalizado, sem retorno imediato de respostas: livro, jornal e revistas, rádio, televisão, cinema; 2- Meios e processos difusos, com retorno possível previsto ou com seletividade avançada pelo usuário – *sites* da *Internet*, a TV considerada interativa, programa de rádio com sistema telefônico de retorno, hipertexto,



bancos de dados informatizados; 3- Meios e processos dialógicos, direcionados com retorno mediático direto: telefone, correspondência escrita, *e-mail*, *chats*.

Estes processos podem ser combinados entre si e dependendo dos usos e necessidades, podem gerar procedimentos complexos onde aparecem múltiplas dimensões do comunicacional: a dimensão simbólica, a expressão, a estética, a narração, a informação.

Além disto, também existe uma forte penetração de processos mediáticos nas áreas mais diversificadas e especializadas, envolvendo os interesses setorializados da sociedade moderna como a produção científica, os diversos campos profissionais, a religião, a saúde, a educação, as atividades políticas e públicas, os interesses da iniciativa privada industrial e comercial.

Embora o controle dos grandes meios de produção e difusão mediáticas se encontrem nas mãos de poucos, a difusão tecnológica também tem generalizado um grau variável de acesso à produção, tanto para usuários individuais como para grupos organizados na sociedade, minoritários mas atuantes, como movimentos populares, comunidades ou entidades da sociedade civil, o que nos permite observar que o sistema mediático de um país, por mais que esteja concentrado em torno do capital, não é um sistema totalmente fechado.

Para Citelli (2010), idéia de que os meios de comunicação teriam infinita capacidade manipulatória está entre um dos enunciados que se relativizaram em decorrência de eventos históricos, sociais e culturais. Para ele, os parâmetros para a localização histórica destas novas abordagens dos estudos da Comunicação estão entre o fim da Segunda Guerra Mundial e os últimos anos da década de 1960. Este deslocamento da análise foi baseado na idéia de que seres passivos não combinam mais com as novas injunções sociais.

No contexto do reconhecimento dos novos lugares (...) aprofundou-se a revisão do papel do emissor; o sujeito unidirecional e fonte quase autônoma da produção dos sentidos passa a ser incomodado por interlocutores e co-enunciadores que pareciam ausentes ou ter discreta presença nos processos de circulação das mensagens (CITELLI, 2004, p. 49).

Citelli indica linhas de força que sustentam esta argumentação como o crescimento nos anos 1960, na teoria literária, de concepções leitoras que passaram a posicionar o destinatário como elemento fundamental para a constituição de uma ordem geral do discurso. O centro de elaboração dos sentidos não se localiza apenas num autor/produzidor, ou na natureza abstrata da escrita, pois a partir daquele momento, considera também a presença ativa do leitor/produzidor que passa a ampliar ou estreitar as significações, as dinâmicas e as modalidades dos textos. Entre os educadores, a palavra de ordem passa a ser reconhecer o aluno como sujeito da aula.

Braga e Calazans (2001) dizem que a partir dos anos 80, começa-se a perceber o usuário como possivelmente ativo. Redescobrem-se as inserções culturais dos receptores, que utilizariam sua vivência, sua identidade cultural, como “mediação” para interpretar os produtos midiáticos e resistir a inculcações. Embora não passivos, os usuários ainda não teriam condições de agir concretamente sobre as mensagens para além do nível elementar de selecioná-las ou não. A televisão, o jornal, o cinema, o rádio e o livro são considerados não-interativos.

Para Paulo Freire, é fundamental pensar no homem como ser de relações e não só de contatos; existe uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios, que não se esgota num tipo padronizado de respostas.

No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. (FREIRE, 2006, p. 48)

Paulo Freire acredita que a posição do homem no mundo não se esgota em mera passividade, nem se reduz às dimensões naturais e culturais, pois o homem pode ser

“interferidor” na realidade para modificá-la, por isso também não lhe cabe o papel de mero espectador.

A partir dos anos 90, com o uso do computador e da *Internet*, a interatividade passa a ser o aspecto fundamental nesse meio de comunicação que aparece sob dois aspectos principais: 1- no nível dialógico (*e-mail*, *chats*) em que usuários em pontos diversos do mundo recebem e enviam mensagens; 2- na relação homem/máquina, em que os usuários selecionam e comandam processos e percursos, fazendo o micro e seus *softwares* agirem sob o seu controle.

Estas perspectivas têm levado a uma clivagem entre meios: interativos, vistos positivamente e mesmo, às vezes, como deslumbramento; e não-interativos vistos então como superados ou francamente negativos (Braga e Calazans, 2001, p.23).

Contudo, não podemos pensar a comunicação somente como uma relação entre mídia e usuários. A ocorrência de interações sociais gerais da própria sociedade devem ser observadas através dos meios de comunicação mas não podemos pensar a comunicação somente como relações entre mídia e usuários. Os processos mediáticos difusos como o rádio, TV e o livro, ditos monológicos por alguns estudiosos, não podem ser considerados negativos, pois dependemos de um certo número e tipo de informações reunidos através de determinados trabalhos e produções que sejam disponibilizados de um modo geral, desde que assegurados um certo nível de qualidade, de seleção e rigor para as informações que circulam nestes meios, o processo nos deixa mais bem preparados para enfrentar os problemas do mundo atual, considerando também nossa capacidade de reinterpretação, pois a sociedade interage com e sobre estes meios e seus produtos.

Braga e Calazans (2001) dividem as interações sociais em três conjuntos básicos: interações conversacionais (face a face); interações mediadas de tipo dialógico; interações

diferidas e/ou difusas. As características principais do primeiro conjunto de interatividade (face a face) como a reciprocidade, o dialogismo direto, a sucessividade de “falas” e a alternância da ocupação do lugar da “escuta” se mantêm na interação mediada do tipo dialógico, por meio da troca de correspondências, nas conversas telefônicas ou nos espaços em que a interatividade por rede informatizada se desenvolve.

O que caracteriza as interações diferidas e difusas é a disposição de uma produção objetivada e durável, que viabiliza uma comunicação diferida no tempo e no espaço, e permite a ampliação numérica e a diversificação de interlocutores. A direção produção > recepção apresenta uma acuidade maior à percepção devido aos produtos desenvolvidos e no sistema de produção/difusão, porém isto não exclui a importância da direção inversa.

O retorno do usuário ao sistema de produção nos meios difusos, desenvolve-se também de modo difuso e diferido. Assim, a escuta realizada pelo usuário, ou as ações como cartas ou críticas que manifestam suas expectativas e interpretações retroagem sobre a produção, participando da construção de gêneros e tipos de produto.

Braga e Calazans (2001) salientam que ao que se refere ao desenvolvimento e uso de softwares (parte essencial das interações informatizadas), as redes informáticas também são meios difusos e diferidos.

O retorno a ser considerado não é o da relação homem/máquina, mas o do conjunto de usuários ao sistema elaborador de softwares. O que poderíamos chamar de “subsistema de retorno” se caracteriza como um conjunto de processos interpretativos e críticos que retroagem, direcionando e conformando a produção (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 48).

Mesmo considerando importantes e fundamentais os dois primeiros conjuntos de interatividade é no terceiro conjunto que iremos focar nossa preocupação neste trabalho, devido aos “novos” relacionamentos e ambientes que a nossa sociedade, com o

desenvolvimento das tecnologias atuais, nos apresenta nas relações comunicacionais e educacionais que nos leva a novas reflexões sobre os processos de aprendizagens.

Segundo Braga e Calazans (2001) a definição de interacionalidade abrange todas as interações relacionadas aos meios ditos interativos e aos demais meios de comunicação e propõe uma tomada de posição: todos os tipos de interacionalidade são relevantes, tanto para a Comunicação quanto para a Educação.

Na interacionalidade mediatizada ampla, o que importa mais é a situação de grupos e pessoas interagindo sobre produtos mediáticos, percebidos como disponibilidades sociais. De um modo diferido e difuso materiais simbólicos circulam na sociedade, são interpretados e usados, são fonte de ações e de interações entre as pessoas, e produzem efeitos de sentido (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 49).

Assim, estamos vivendo na sociedade mediatizada, que desenvolveu circuitos de informação, propagação e entretenimento, ao mesmo tempo que submete estes circuitos a relações de trocas entre comunicações de interesse geral e as comunicações de campos restritos. Nestas trocas, os campos restritos se voltam para os espaços de interesses gerais buscando apoio político-social, divulgação, formação de imagens, que por sua vez vai aos campos restritos buscar informações, como processo de disponibilização para a sociedade sobre seu funcionamento, como sondagens de necessidades, de descoberta de situações específicas, como a busca de estímulo para reflexões sobre estas situações, fazendo evoluir o próprio campo comunicacional geral.

Como podemos perceber, não é fácil delimitar o campo da Comunicação. No caso das relações com qualquer outro campo, principalmente o da Educação, não se pode dizer que temos dois campos especializados e externos um ao outro ou em interação mútua, pois a comunicação está ao mesmo tempo “dentro”, como parte constitutiva necessária a qualquer

atividade social e “fora”, como espaço geral de interações sociais, que não depende das especificidades de uma área só.

A Educação, como a Comunicação, também é natural ao homem. O homem aprende, desde sempre, por meio de um intercâmbio com o mundo e com as pessoas em ambiente social, através do qual “descobre” coisas, por meios práticos, reflexões, experimentações e até por acaso. As ações que podem ser organizadas sobre as aprendizagens, que percebidas e problematizadas em resultados se distinguem dos gestos espontâneos da vida é a Educação (BRAGA E CALAZANS, 2001).

No Brasil existe um conjunto central de sistemas educacionais (fundamental / médio / profissional / superior) que serve como “identificadores educacionais” da população em sua inserção na sociedade, porque as pessoas são identificadas a partir das suas formações e títulos expressos nas certificações emitidas por este sistema, que formalmente institucionalizadas passam a ser indicadores da legitimidade social de seus portadores.

Deste núcleo central do sistema educacional participam o setor público e o privado que representam instâncias sociais parcialmente sobrepostas e diferenciadas, porque o valor legal dos resultados de um ou de outro são idênticos. A presença pública caracteriza a Educação como direito de todos; a presença da iniciativa privada se caracteriza pelo conceito de contrato e de serviços, realizados em contrapartida de remuneração, comparecendo com predominância na oferta do que possa encontrar como demanda economicamente viável. Porém, o campo educacional é mais amplo que o espaço abrangido pelas estruturas do sistema educativo, embora este forneça a parte mais visível e sistematizada do campo.

As profundas mudanças na sociedade do século XX, no que diz respeito à economia, à política, avanços tecnológicos e mutações culturais acarretaram para o campo educacional a descoberta de novos problemas e o estabelecimento de novas metas e

processos. No desenvolvimento de novas questões sobre as relações entre escola e espaço social, aparecem linhas de tensão nos processos educacionais com a sociedade.

Tradicionalmente, a Educação tem a função de sedimentar conhecimentos e valores desenvolvidos na sociedade e assegurar sua manutenção no tempo, através de sua passagem às novas gerações. Com a Modernidade, desenvolve-se na Educação o sentido de formar para a mudança: a Educação passa também a se voltar para as mudanças sociais radicais, para a correção de injustiças e superação de desigualdades, para a crítica do estabelecido, ou simplesmente para o ajuste ao novo (BRAGA E CALAZANS, 2001)..

Estas dinâmicas da educação ocasionaram e ocasionam discussões e confusões quando alguns entendem que não se deve mais dar importância aos processos de manutenção e reprodução cultural que fazem parte das metas da educação para mudar a sociedade e para educar para uma sociedade em mudança.

A educação para a mudança não corresponde apenas a valorizar o novo sobre a tradição, corresponde também a fazer chegar a todos esta tradição que antes era privilégio de poucos. Para Forquin (1993, apud Braga e Calazans, 2001), existe “incompatibilidade entre o espírito de modernidade e a justificação da educação como tradição e transmissão cultural”; por outro lado diz que uma pedagogia puramente “instrumentalista”, de preparação de “personalidades adaptáveis, capazes de respostas flexíveis e preparadas para qualquer eventualidade” rejeitaria “nosso pertencimento à memória”, e seria a amnésia.

Relacionar Comunicação com Educação exige atenção sobre as circunstâncias de serem ambos campos de abrangência e às vezes de coincidência sobre vários aspectos do entendimento do homem e suas características naturais de se comunicarem e se educarem em um mundo que dispõe de uma diversidade de tecnologias para tanto.

A escola, ou mais precisamente a sala de aula (objetivo deste estudo, devido às interações intensas entre alunos e professores), sempre foi um espaço de comunicações. Atualmente, o professor enfrenta muito mais desafios porque ele deve considerar com mais cuidado o entorno cultural do aluno, as experiências de vida e os processos comunicativos que eles trazem, para planejar ações que potencializem uma dinâmica maior neste ambiente com a troca de sentidos e a circulação de novas linguagens. Para isto, o professor e a escola têm que estar preparados para enfrentar percepções de mundo diferentes e criar condições para que os alunos apresentem suas experiências e construam conhecimentos significativos e transformadores.

### **1.1 A *Internet* na Sala de Aula**

Muitas das dificuldades operacionais, metodológicas e pedagógicas na relação ensino/aprendizagem vividas pela escola são apontadas por especialistas em educação como decorrentes de um desajuste entre modelos tradicionais vinculados à sala de aula, baseados na centralidade da palavra do professor, com a informação e o conhecimento obtidos através de tecnologias como a *Internet*.

Com a *Internet* surgem novos espaços importantes para o processo de ensino-aprendizagem, que modificam e ampliam o dia-a-dia da sala de aula. As tecnologias atuais estão fazendo parte deste contexto, mediando o processo de ensino-aprendizagem. Porém, essa facilidade de acesso à informação se contrapõe ao fato de grande parte dos alunos ainda não entenderem que só isto não garante aprendizagem.

As escolas precisam capacitar professores e alunos para aprenderem a usar estes novos instrumentos e devem desenvolver práticas que façam com que os alunos consigam ir além da simples cópia e que aprendam a pesquisar e descobrir novas possibilidades de



aprendizado, porque saber usar o computador e acessar a *Internet* não é garantia de conhecimento e educação.

A *Internet* tem sido uma ferramenta pedagógica nos dias de hoje. É importante o uso dos seus recursos para fazer da pesquisa uma prática constante. Ela é um elemento a mais no processo de formação do conhecimento, mas suas informações devem ser analisadas e discutidas, para buscar uma educação que transcenda o papel de transmissora de informações para atuar também no plano da apropriação de conteúdos culturais, morais e éticos de modo reflexivo e crítico concernentes à vida contemporânea.

Para melhor proveito do uso das tecnologias atuais o professor deve planejar e criar oportunidades de pesquisa e conhecimento fazendo com que o conteúdo obtido nas pesquisas nos diversos *sites* sejam elementos de aprofundamento das discussões do cotidiano das aulas e se tornem estímulo para um aprendizado criativo e formador do conhecimento.

Libâneo (1998), analisando o momento atual da educação, refere-se às novas aprendizagens, as diferentes compreensões que os professores necessitam e afirma:

As novas exigências educacionais pedem às universidades e cursos de formação para o magistério um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação (LIBÂNEO, 1998, p.58).

O uso de tecnologias no processo ensino-aprendizagem exige do professor uma adaptação a realidade em termos de conteúdo e formas de abordagem de sua disciplina, tirando o melhor proveito do uso planejado e consciente dos meios de comunicação (televisão, teatro, vídeo, computador, *Internet*, cinema). Ao se preparar para atuar no desenvolvimento pedagógico com o uso de tecnologias, o professor por um lado compromete-se com o aluno em uma maior aproximação na manipulação dessas tecnologias,

e por outro, assume para si o exercício da cidadania e uma melhor qualificação para o trabalho.

Embora este processo de adaptação proporcione aos professores uma maior valorização profissional, é necessário entender que este novo professor não deve temer a tecnologia, nem ser seu refém. Deve tornar o uso da *Internet*, o mais humano possível, usando-a em benefício do aluno para o seu engajamento na sociedade, tendo consciência de que nada substituirá o professor e sua interação com o aluno, uma vez que estes processos abrirão mais espaços para o aluno expressar suas dúvidas, anseios e emoções.

A *Internet* deve ser usada para o desenvolvimento do aprendizado, criando-se mecanismos para que a pesquisa seja um passo a mais no desenvolvimento do aprendizado criativo e autônomo, dando oportunidades do educando dizer o que pensa sobre um assunto discutindo o conteúdo que obteve e produzindo técnicas de utilização prática do conteúdo obtido nas pesquisas. É preciso gerar oportunidades de discussão dos conteúdos obtidos no processo de pesquisa e fazer com que toda aprendizagem parta de uma ação firme em busca do conhecimento gerado a partir do interesse, da participação e da cooperação.

No processo de pesquisa via *Internet* é importante que sempre se faça uma leitura dos conteúdos de forma atenciosa verificando os temas mais importantes para a concretização da pesquisa e formação do conhecimento. Com o objetivo de melhorar o uso desta ferramenta por parte dos alunos seguem algumas proposições que o professor deve estimular e conduzir para que o aluno consiga fazer uma pesquisa eficiente na *Internet*:

- Estimular a pesquisa em *sites* de busca;
- Valorizar o confronto das informações obtidas;
- Propiciar oportunidades aos alunos de irem além da pesquisa em *sites* aprofundando o conhecimento em outras ferramentas de pesquisa (livros, dicionários, CDs, textos, entre outros);

- Promover debates sobre os temas realizando uma discussão crítica sobre os assuntos obtidos na pesquisa;
- Usar a pesquisa não como um fim, mas como um elemento a mais no processo de conhecimento; obter relatórios escritos da pesquisa feita via *Internet*;
- Mostrar sempre a importância da leitura dos conteúdos obtidos.

Para tanto, o aluno necessita aprender a pesquisar, a dominar as diferentes formas de acesso às informações, a desenvolver capacidade crítica de avaliar, de reunir e organizar informações mais relevantes. O espírito crítico implica em ter condições de análise, de síntese, de reflexão, de isenção e de reconhecimento de seus próprios saberes.

Nesse sentido o processo de aprendizagem deve desenvolver no aluno a autonomia, cooperação e capacidade inovadora. Educar significa, a um só tempo, preparar os alunos para compor a sociedade atual, com suas riquezas e problemas. Por isso, a finalidade da educação na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada, deve possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos desenvolvendo habilidades para aprender a conviver com o incerto, com o imprevisto e com o novo.

## **1.2 Ensino Presencial x Ensino a distância**

A educação tradicional representada pela modalidade presencial tem nas relações interpessoais, baseada na proximidade física entre professor e aluno, a sua principal característica. Elementos do processo ensino-aprendizagem, tais como conteúdos e atividades são desenvolvidos a partir do estabelecimento dessas relações pessoais.

Na educação tradicional, a presença física é requisito para aprendizagem e fator determinante na avaliação. Para que a aula se desenvolva o professor e alunos precisam estar reunidos em um mesmo horário e em um mesmo local. Este aspecto é conhecido como

relação síncrona. Esta sincronicidade de tempo e espaço muitas vezes, evidencia-se como um fator determinante na escolha da instituição de ensino.

O professor no ensino presencial é considerado o detentor do conhecimento e o aluno vai para a escola na esperança de aprender algo. Esta expectativa está vinculada à instituição e à apresentação de conteúdos pelo professor em um processo em que o professor deve explicar, discutir e instigar a participação dos alunos para ocorrer aprendizagem em uma relação que deveria estimular o diálogo.

Embora não existam modelos pedagógicos perfeitos, ao longo dos anos, a escola comprovou-se como espaço de formação e desenvolvimento humano, socialização e construção de cidadania. A presença em sala de aula possibilita a interação imediata entre professor e aluno na busca da compreensão do conteúdo programático exposto. Por um lado, o aluno pode solucionar suas dúvidas na hora através de perguntas direcionadas para o professor ou para os próprios colegas de sala. Por outro lado, o professor tem condições de fazer avaliações do processo ensino-aprendizagem e da linguagem corporal que pode oferecer elementos para verificar o grau de interesse, aceitação ou satisfação dos alunos (BELLONI, 1999).

A escola no ensino presencial, além de ser o local onde se processa a aprendizagem, passa a ser o ambiente em que se estabelecem os encontros pessoais, onde se desenvolvem as relações sociais e afetivas, onde os alunos podem desabafar, chorar e rir com colegas, agrupar-se de acordo com afinidades ou evitar certas ligações. Estes espaços são importantes para convivência social, troca de experiências, divertimento. Neles aprendem-se questões de cidadania, convive-se com conflitos e aprende-se a superá-los.

Outro aspecto relevante na educação presencial é que a escola para conseguir oferecer os serviços educacionais precisa se formalizar como instituição através de regras e

procedimentos disciplinares que passam a influenciar no comportamento e na formação de valores dos indivíduos, na criação de identidade, sentimento de grupo e desenvolvimento de responsabilidade.

Apesar da história de sucessos e das vantagens da educação presencial esse modelo está chegando ao seu limite em virtude dos avanços das tecnologias atuais e do amparo legal obtido através do decreto 5622/06, que regulamenta o artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96), e define as regras para a educação a distância em diferentes níveis educacionais.

Conforme Braga e Calazans (2001) quando os setores educacionais da sociedade passam a gerar a experiência de EAD, além de tratar da organização dos sistemas que incluem os materiais que serão disponibilizados por via mediática tem que considerar que a EAD corresponde ao ingresso de atividades educacionais em espaços distintos daqueles ativados em situações presenciais.

A diversificação de interações promete uma ampliação quantitativa e qualitativa de experiências de ensino e de aprendizagem, mas é a escola que tem um longo domínio desenvolvido sobre procedimentos organizados com a interação presencial professor/alunos. Não só a didática se desenvolve secularmente em termos de práticas e teorias para este tipo de situação mas também as interações mediadas habitualmente na escola como leitura de livros ou tarefas de casa se organizam e são acompanhadas pelos processos presenciais predominantes em termos de orientação e redirecionamento (BRAGA E CALAZANS, 2001).

Outra questão a ser pensada criticamente ao proporcionar a EAD é a questão da elaboração do material: se aprender é mudar e ampliar repertórios e atitudes os temas que serão abordados não podem usar as mesmas expectativas de alguns materiais mediáticos pobres e de repertórios limitados que podem prejudicar ou reduzir o nível de aprendizado.

Nos anos 90, com a popularização do vídeo e da *Internet* o uso dos meios de comunicação como prática educativa proporcionou alternativas à educação tradicional. As aulas baseadas na fala do professor, podiam se transformar em vídeos digitais gravados por um especialista da área ou até por um artista e disponibilizadas na *Internet*, onde poderiam ser repetidas inúmeras vezes. Ao aluno, bastaria ler os textos, assistir aos vídeos e responder os testes automatizados, ou seja, estas tecnologias atualizavam o paradigma da educação tradicional, sem romper com as práticas anteriormente aplicadas.

Estes recursos passaram a ser uma sofisticação do processo ensino-aprendizagem, porém em muitos casos não passavam de treinamentos de alunos, pois os desafios educativos e formativos, como por exemplo o de instigar o pensamento ou a discussão sobre os temas, na maioria das vezes ficavam para um outro plano.

As tecnologias atuais de informação e comunicação permitem novas formas de ensino e aprendizagem. Aulas presenciais podem ser enriquecidas com uso da *Internet*, vídeos entre outros. A popularização de tecnologias e o seu uso pedagógico não representam apenas possibilidades de incremento dos processos de ensino e aprendizagem, mas promove reflexões sobre conceitos e modelos educacionais baseados, até então, na obrigatoriedade de presença sincrônica entre professor e aluno, ao mesmo tempo em um mesmo lugar.

Existe uma confusão comprometedora que é a tendência, com o uso das tecnologias atuais, de reforçar uma instrução reprodutivista, em que se cometem os mesmos vícios do ensino tradicional. Isto é, o ambiente de típico treinamento escolar é transportado para o ensino a distância onde as aulas gravadas são programas de vídeos que podem ser reproduzidos a qualquer instante. Podem ser atraentes, porque são feitas de maneira dinâmica, interativa, com gente bonita, mas não deixam de ser aulas expositivas.

Conforme Freire (2001), formar é muito mais do que treinar o aluno em certas destrezas, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção. Para Freire ninguém educa ninguém (nem a si mesmo), e que os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (...) nesse sentido a relação entre professor e aluno se estabelece como educador-educando e educando-educador (FREIRE,2001, p. 49).

O resgate da aprendizagem como espaço produtor de conhecimentos em processos pedagógicos introduz as tecnologias ao serviço da educação, ou seja, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir conhecimentos. É a busca de conhecimento que provoca a aprendizagem, não a tecnologia.

Uma questão limitadora da aplicação de tecnologias atuais refere-se ao acesso dessas tecnologias. Embora o número de pessoas com acesso à *Internet* cresça consideravelmente a cada ano, a exclusão digital ainda atinge a maioria da população brasileira. Há uma dissonância muito grande entre as possibilidades das tecnologias atuais e o seu real alcance. O problema da exclusão digital não envolve apenas o aluno que muitas vezes tem dificuldade em acessar a *Internet* de um ambiente seguro mas também ao professor que mesmo com acesso garantido muitas vezes pela instituição de ensino não tem a capacitação necessário para fazer uso adequado dessa nova tecnologia (BRAGA e CALAZANS, 2001).

Mesmo para os alunos que possuem acesso à *Internet*, estudar sem a intermediação de um professor exige um alto grau de insistência. Estudar a distância requer motivação, capacidade de organização, conhecimento e controle do processo de aprendizagem. Quem se acostumou a uma aprendizagem passiva e altamente dirigida, encontrará sérias dificuldades. O que é dito como grande vantagem do ensino a distância que

é do aluno controlar o seu próprio ritmo de aprendizagem passa a ser um grande obstáculo. O desconhecimento de estratégias de auto-aprendizagem, a falta de iniciativa, a incapacidade de gerir o tempo são outros grandes problemas enfrentados pelos alunos que se submetem a um processo de ensino, mesmo que parcial, à distância.

Com os processos convencionais de ensino e com a atual dispersão da atenção da vida urbana, fica muito difícil a autonomia e a organização pessoal, indispensáveis para os processos de aprendizagem a distância. O aluno desorganizado vai deixando passar o tempo adequado para cada atividade, discussão, produção e pode sentir dificuldade em acompanhar o ritmo de um curso. Isso atrapalha sua motivação, sua própria aprendizagem e a do grupo, o que cria tensão ou indiferença. Esses alunos pouco a pouco vão deixando de participar, de produzir e muitos têm dificuldade, a distância, em retomar a motivação, o entusiasmo pelo curso. No presencial, uma conversa dos colegas e do professor, pode ajudar a voltar a participar do curso. No EAD é possível, mas pode ser mais difícil. Estes problemas podem ser amenizados quando a instituição de ensino realiza ações específicas de orientação e de acompanhamento.

### **1.3 EAD – uma tendência da qual não podemos escapar**

Na educação à distância se estabelece uma nova cultura de aprendizagem, marcada pela busca e necessidade da flexibilidade em termos de tempo, espaço e ritmo. Somando-se a estes termos o fator financeiro, o EAD apresenta-se também como um mecanismo facilitador e de inclusão para pessoas que não tem acesso fácil à educação.

Para dar uma resposta a esses novos desafios a escola deverá repensar sua estrutura e fundamentos, o que significa repensar a modalidade de educação exclusivamente presencial.



Recusar esta tendência que enuncia simultaneamente a autonomia e a dependência relativas das relações de força (o aluno não precisa mais estar presente na sala de aula), que vislumbraram neste sistema uma grande oportunidade de crescimento usando o slogan da facilidade, da inclusão e da economia de tempo, seria negar as possibilidades das pessoas socialmente desprivilegiadas a terem o direito de participar desta inclusão social proporcionada pelo sistema. (BOURDIEU E PASSERON, 1992)

Segundo Bourdieu e Passeron (1992), todo poder que chega a impor significações como legítimas e dissimula as relações de forças que estão em sua base, acrescenta sua própria força simbólica nas relações.

Devido à redução de custos e vendas mais fáceis de cursos, justamente por causa de propostas facilitadoras e includentes, um grande número de instituições, principalmente as particulares, estão se interessando por este sistema. Neste ponto, o EAD pode se tornar um sistema de ensino massificante, se a maioria dos formatos das aulas a distância não permitirem efetivamente ao aluno a possibilidade de intervenção nos conteúdos e conseqüentemente no processo de ensino-aprendizagem; além disto, a linguagem reducionista, padronizada, típica dos formatos televisivos que alguns programas de EAD podem apresentar, pode limitar também a capacidade de interpretação e reflexão sobre os assuntos apresentados.

Thompson (1995), quando elaborou sua teoria crítica sobre os meios de comunicação de massa salientava que muitos dos processos comunicativos não permitiam a participação do receptor, porque a transmissão de mensagens de mão-única (transmissor > receptor) não possibilita aos receptores contribuir com o conteúdo do processo de comunicação. Portanto, a mediação das formas simbólicas através da comunicação de massa,

geralmente implica em um fluxo de mensagens onde a capacidade do receptor de influenciar e intervir nos processos de produção ou de difusão se torna limitado.

As formas simbólicas são produzidas para audiências e transmitidas ou difundidas a fim de alcançar essas audiências, mas esses processos geralmente acontecem sem um monitoramento direto e contínuo das respostas das audiências. Ao contrário da interação face a face, onde os interlocutores podem se questionar um ao outro e observar suas múltiplas respostas, na comunicação de massa as pessoas envolvidas na produção e na transmissão estão geralmente privadas de uma imediata retroalimentação da parte dos receptores.

A valorização econômica de formas simbólicas mediadas pelos meios pode depender da natureza e extensão da recepção, as pessoas envolvidas empregam uma variedade de estratégias para dar conta dessa indeterminação. Empregam fórmulas já testadas que possuam certo apelo previsível sobre a audiência; ou tentam obter informação sobre os receptores através da pesquisa de mercado, ou através do monitoramento rotineiro do tamanho e da resposta da audiência. Estas e outras técnicas são mecanismos institucionalizados que possibilitam às pessoas reduzir a indeterminação que brota da ruptura entre produção e recepção e fazem isso de uma maneira que se coadune com os objetivos gerais das instituições interessadas (THOMPSON, 1995).

Novamente, esta característica não pertence só à comunicação de massa; todas as formas de transmissão cultural implicam certo grau de distanciamento espaço-temporal. Mas os meios de comunicação de massa, geralmente, implicam um alto grau de distanciamento, tanto no espaço como no tempo. O distanciamento espaço-temporal presente na comunicação de massa é também afetado pelas condições como as formas simbólicas são recebidas e consumidas (...) a natureza e a extensão do distanciamento podem depender das práticas sociais e das condições técnicas de recepção (THOMPSON, 1995, p. 287).

Na educação, sabemos que o contato pessoal, a diversidade de pensamentos, opiniões e a troca de experiências são fundamentais para transformar informação em

conhecimento. A sociabilidade que as salas de aula podem proporcionar, mesmo com todas as suas nuances, assimetrias e problemas de relacionamentos, também faz parte do crescimento pessoal e profissional dos alunos. Adiante, o mercado de trabalho vai exigir destes alunos, além de bases sólidas de conhecimentos nas áreas em que querem atuar, habilidades em interagir não só com os processos, mas com as pessoas.

O distanciamento no EAD pode ser um problema quando existe uma intenção de tornar as pessoas mais aptas a lidar com outras pessoas. Lembrando Thompson (1995) é difícil pensar em um mundo mais humano, se os contatos pessoais deixarem de ser prioridade para serem mediados. Quando se pensa em EAD, questões ou preocupações como estas são consideradas por educadores interessados com a formação geral dos alunos.

Para Matos (1993), “a identidade se revela nos desvãos, nesse difícil e doloroso outro nós mesmos que a diversidade dos homens com quem nos relacionamos nos traz”. Quando a autora escreveu sobre filosofia e educação apresentando suas preocupações com a educação humanista e formadora, ela menciona Lefort para o qual o ingresso e a influência da indústria cultural na educação podiam fazer com que o mestre perdesse a razão de seus fins porque sua tarefa poderia ser executada sem interesse ou talento, ou sem a necessidade da competência em seu sentido de conhecimento formador a ser comunicado, ou seja, tecnicamente. Matos lembra também de Adorno: “as pessoas que se adaptam ao momento relativamente sem esforço revelam-se como não-emancipadas, na medida em que, aos domingos, deixam de lado qualquer reflexão nos estádios esportivos”, fazendo uma alusão ao que pode acontecer com a educação, se educadores e sociedade não pensarem criticamente sobre o momento, adaptando-se facilmente a ele sem avaliar profundamente as implicações que isto pode ocasionar.

Por melhores que sejam os sistemas de gerenciamentos das instituições educacionais em relação ao acompanhamento, controle e avaliação dos alunos, não se pode substanciar o grau de envolvimento humano neste contexto.

No ensino presencial, mesmo com problemas de classes superlotadas, o professor ainda tem mais condições de perceber este envolvimento.

A diferença básica entre formas estabelecidas de comunicação de massa e outras formas de interação eletronicamente mediada pode ser questionada pelo crescente desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, mas esse é um desenvolvimento que não está totalmente completo. Da maneira como as instituições de comunicação de massa se desenvolveram até aqui, seus produtos circulam dentro de um “domínio público”, no sentido de que eles são acessíveis em princípio, a qualquer um que tenha os meios técnicos, as habilidades, os recursos para adquiri-los (THOMPSON, 1995, p. 296).

As instituições como emissoras de TV, rádio, jornais e revistas, muitas vezes, têm por objetivo alcançar a maior audiência possível. No caso das IES que estão optando pelo EAD existe também o objetivo de alcançar um maior número de estudantes que devido a distância, falta de tempo ou outros interesses como o de fazer um curso universitário sem sair de casa, seja mais um investimento para aumentar o faturamento.

O censo da Educação Superior 2009, divulgado pelo INEP/MEC, mostra o avanço da graduação a distância: a oferta de cursos cresceu de 46 (2002) para 844 (2009). Uma das características dos cursos revelada no Censo é o grande número de matrículas em licenciatura. Em 2009 a EAD totalizou 838.115 alunos matriculados e desses 61,5% são matrículas no curso de Pedagogia grau que habilita seu titular a ser professor nos ensinos infantil, fundamental e médio. Esses dados revelam que uma boa parte dos futuros professores está sendo formada nesta modalidade.

Esse crescimento de formação de docentes em cursos a distância é uma forma de adequar um problema que persiste há décadas no Brasil: aumentar o número de professores

qualificados para diminuir o número de professores leigos que atuam principalmente no setor público. Em relação à qualidade dos cursos à distância as exigências devem ser as mesmas que recaem sobre qualquer outra modalidade, em que também há cursos bons e ruins.

Um dos desafios a serem enfrentados pela modalidade EAD é a qualificação de profissionais para atuar como docentes. Muitos cursos nesta modalidade fracassam por não perceberem que não basta ter professores com intuição, inspiração e transpiração, mas, sim, professores capazes de desenvolver características específicas para lecionar em ambientes virtuais. Não é apenas o investimento em tecnologia que garante a qualidade dos cursos, mas a proposta pedagógica.

Quanto ao futuro da modalidade EAD existem evidências de que deverá ocorrer uma aproximação cada vez maior entre o ensino presencial e a distância. Em cursos presenciais, muitos professores já adotam ambientes virtuais como ferramentas. As duas modalidades podem se complementar surgindo um modelo híbrido.

Entre os fatores que levam os estudantes a optar pela graduação a distância estão a capacidade de inclusão, uma vez que a modalidade elimina as limitações geográficas e até físicas, e a flexibilidade de horário. Outra vantagem também importante é o custo dos cursos, muitas vezes inferiores em relação aos equivalentes presenciais. Mas para um bom aproveitamento das aulas, o estudante deve ter muita disciplina, estudar em horários regulares e freqüentar as dependências físicas da instituição sempre que possível, além das previstas na grade curricular, para usufruir laboratórios, bibliotecas e interagir com professores e outros alunos.

#### **1.4 O Meio Termo: uma sabedoria aristotélica**

Matos (1997), quando reflete sobre a Paidéia Aristotélica, explica que o filósofo estabelece diferenciações na atividade interventiva da razão, o que culminou em um desenvolvimento teórico na Ciência e um desenvolvimento prático na Moral. Para Aristóteles, a alma teria uma natureza especulativa e outra ética e política, de onde a educação teria dois objetivos primordiais: um deles seria construir um caráter para promover a felicidade e outro, para preparar a alma para o justo gozo do ócio, que se tornaria possível quando as necessidades utilitárias da vida já estivessem satisfeitas.

Conforme Matos (1997), a felicidade para Aristóteles é uma atividade, é a “justa vida”, é a consideração da passividade e ao mesmo tempo da agitação da alma. Para ele, todas as nossas ações se dividem em atividades que são imprescindíveis e úteis e as que são contemplativas, ações que deveriam se tornar metas na educação das crianças e das pessoas em qualquer idade que requeira educação.

A felicidade para Aristóteles “não é obra de um dia só, nem de pouco tempo, mas de uma vida inteira”, não é alcançada imediatamente, nem de maneira definitiva. Ela é possível, mas tem que se saber lidar com as possibilidades de ela não acontecer e quando assim for, usar a razão para escolher a ação que poderá levar a outros caminhos para alcançá-la. Com isto, Aristóteles constrói sua ética apontando que as virtudes são “disposições adquiridas em conformidade com a regra justa” sob o julgamento do homem prudente, é a medida entre dois extremos, é a moderação, o justo meio (MATOS, 1997, p.56).

Com a ampliação crescente da disponibilização de tecnologias utilizáveis para receber informações e para interagir na busca de aprendizagem, aumentaram as ocasiões em que o aluno encontra estímulos e materiais para atender suas necessidades e interesses. A própria escola já utiliza estes materiais propondo o acesso do estudante a eles ou fazendo uso de materiais de disponibilidade social geral, que o estudante pode tomar a iniciativa de

escolher. Percebemos que já temos uma diversidade de dosagens entre condições presenciais e a distância.

O espaço comunicacional disponibiliza materiais como os *sites* da *Internet* que são inteiramente apropriados pelos interessados que deles fazem uso para sua aprendizagem sem vinculação a um espaço educacional. A aprendizagem passa a ser “à distância” tanto geograficamente, quanto de vínculos de acompanhamento (BRAGA e CALAZANS, 2001).

Mas deste processo também encontramos diferentes graus de sistematizações e de acompanhamentos, ou seja, a busca de algum sistema de retorno, de interação com um , de um lugar de referência para o qual convergem respostas, dúvidas, processos de verificação de resultados e de onde retornam indicações mais ou menos personalizadas.

As possibilidades de acompanhamento direto e desenvolvimento de relações sociais são características positivas da educação presencial enquanto a falta de flexibilidade em termos de horário, local e ritmo do aluno apresentam-se como limitadores desta modalidade. A EAD, por outro lado, tem a vantagem de ser flexível e de se adaptar melhor às necessidades individuais, mas apresenta restrições em termos de contexto social, comunicação ou controle do aprendizado.

Existem vantagens e desvantagens nas duas modalidades e do ponto de vista da eficácia do processo de aprendizagem a EAD não é necessariamente melhor ou pior do que a modalidade presencial, pois a utilização de tecnologias pode não garantir inovações pedagógicas em EAD.

Uma situação híbrida entre o ensino presencial e o a distância pode ser o que se tem chamado de ensino semi-presencial em que as possibilidades de acompanhamento direto do aluno e o desenvolvimento de relações sociais, características positivas da educação presencial, são abordadas juntamente com as vantagens do ensino a distância, tais como

flexibilidade de se adaptar melhor às necessidades individuais. Conforme visto há vantagens e limites nos dois lados e há argumentos para defender as duas modalidades.

Na situação atual do processo ensino-aprendizagem nas instituições de ensino superior não há como fugir do ensino a distância nem como descartar a educação presencial. A educação *on-line*, pela *Internet*, está começando a trazer contribuições para a educação presencial. É possível manter as duas modalidades como alternativas não excludentes e optar por uma integração entre ambas surgindo uma forma híbrida: a educação semi-presencial.

Esta opção permite usufruir da eficácia e das vantagens das duas modalidades. Lembrando Aristóteles esta alternativa poderia ser considerada a medida certa entre dois extremos, uma ação escolhida por meio da razão. A quantidade e a duração dos momentos presenciais devem ser definidas de acordo com disposições legais e com os objetivos a serem alcançados. Algumas universidades podem integrar aulas presenciais com aulas e atividades virtuais, flexibilizando tempos e espaços, ampliando os processos de ensino-aprendizagem.

Com relação à modalidade EAD algumas dificuldades são relatadas pelos alunos em razão da assincronia da comunicação. A motivação dos participantes, o incentivo dos instrutores, o lapso de tempo entre uma mensagem e outra são alguns dos fatores dificultadores desta modalidade de ensino. Outro fator dificultador está relacionado à forma como participantes destes cursos interagem entre si. Na EAD a interação entre os participantes de um curso é mediatizada por ferramentas de comunicação, que conduzem a novas formas de interação. Interação consiste em uma ação recíproca entre dois ou mais indivíduos, na qual ocorre intersubjetividade, isto é, encontro dos indivíduos (BELLONI, 1999).

A interação dentro de um grupo pode ser compreendida como a articulação recíproca entre os indivíduos participantes de uma atividade onde cada indivíduo é



influenciado pelas ações dos outros, e ao mesmo tempo executa ações que influenciam os outros. O modo como ocorre o relacionamento entre os integrantes de um curso a distância e entre estes e as tecnologias irá determinar a participação e envolvimento do grupo com o objeto de estudo e influenciar no processo de interação e na realização de atividades.

Outro fator relevante na interação entre os participantes de um curso de comunicação assíncrona é o *design* dos ambientes de aprendizagem, que deveriam proporcionar uma forma simplificada de interação. A interação social influencia na aprendizagem e conseqüentemente no desenvolvimento dos indivíduos. Assim, no momento de realizar uma atividade, a capacidade mental dos alunos não é o único fator envolvido. O conhecimento prévio e as interações que ocorrerão entre eles também irão influenciar na realização das tarefas. Isto, mais adiante poderá ajudá-los a aplicar os conhecimentos em outras áreas de estudo ou de trabalho.

Vygotsky (1994), na elaboração do seu estudo sobre a formação social da mente, relacionou a teoria Marxista da sociedade com as concepções de Engels sobre o trabalho humano: para Marx, as mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na consciência e no comportamento dos homens; para Engels o uso de instrumentos como os meios pelos quais o homem transforma a natureza, ao fazê-lo, transforma a si mesmo.

Vygotsky estendeu esses conceitos para a interação homem-ambiente: pelo uso de instrumentos que são criados pelas sociedades ao longo da história a forma social e o nível de desenvolvimento cultural podem ser modificados. Ele acreditava que a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações comportamentais e estabelece um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual. Assim,

para Vygotsky, na melhor tradição de Marx e Engels, o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento, tem sua raiz na sociedade e na cultura.

A maior razão para a relevância permanente do trabalho de Vygotsky é que ele indica a importância da interação social na aprendizagem. Para o autor, esta interação ocorre entre duas ou mais pessoas que cooperam conjuntamente na realização de uma atividade, que mais tarde poderá ser realizada individualmente (VYGOTSKY, 1994).

Pensando à maneira de Vygotsky, as interações sociais que acontecem nos espaços delimitados de uma sala de aula podem acontecer perfeitamente fora dela, por meio destes ambientes de aprendizagem que os cursos à distância promovem. As trocas de experiências e conhecimentos que modificam e transformam as formas de comunicação e os relacionamentos podem proporcionar o desenvolvimento tanto individual quanto social dos participantes, mesmo que os alunos não alcancem este desenvolvimento ao mesmo tempo ou no mesmo lugar (VYGOTSKY, 1994).

A preferência pela modalidade de comunicação assíncrona na EAD ocorre porque ela permite aos participantes lerem, refletirem e responderem, a qualquer momento, viabilizando a interação de todos, criando um ambiente propício para formação de novas comunidades de ensino-aprendizagem. Com o constante avanço das tecnologias, esta modalidade é vista como um meio de suprir necessidades de formação ao longo da vida.

De acordo com a portaria 2253 do MEC (Anexo I), o currículo pode ser flexibilizado, em até 20% da carga total. Estamos caminhando para uma aproximação sem precedentes entre os cursos presenciais e os a distância. Os cursos presenciais terão algumas disciplinas parcialmente à distância e outras totalmente à distância.

Essa forma híbrida pode viabilizar inúmeras possibilidades de aprendizagem que combinarão o melhor do presencial com o melhor do virtual. Caberá a cada IES definir qual é

o ponto de equilíbrio entre o presencial e o virtual em cada área do conhecimento estipulando a carga horária e as disciplinas que serão ministradas à distância, verificando a inclusão digital de seus alunos e capacitando seus professores que estarão diante de uma plataforma de ensino completamente nova. Algumas disciplinas necessitam de maior presença física, como as que utilizam laboratório, as que precisam de interação corporal. O importante é experimentar diversas soluções para diversos cursos.

Cada IES deve começar com algumas disciplinas, apoiando os professores mais familiarizados com as tecnologias e que se dispõem a experimentar e ir criando a cultura do virtual, o conhecimento dentro de cada instituição para avançar para propostas curriculares mais complexas, integradas e flexíveis, até encontrar em cada área de conhecimento e em cada instituição qual é o ponto de equilíbrio entre o presencial e o virtual.

Dentro de poucos anos esta discussão do presencial e a distância terá muito menos importância. Caminhamos para uma integração dos núcleos de educação a distância com os atuais núcleos ou coordenações pedagógicas dos cursos presenciais. A maioria dos cursos de graduação e de pós-graduação será semipresencial e os cursos à distância terão muitas formas de aproximação presencial-virtual.

Em Belloni (1999), no ensino superior é necessário criar a cultura da educação *on-line* em professores, alunos e nas instituições para que utilizem a *Internet* fora da sala de aula, como uma parte integrante do curso, pois não há como negar o uso das tecnologias e do EAD, nem descartar a educação presencial. É possível manter as duas modalidades como alternativas não excludentes e procurar a integração das duas, optando pelo sistema de educação semipresencial. Esta opção permite usufruir da eficácia e das vantagens das duas modalidades. Em termos de contexto, mantém-se relativa flexibilidade do EAD embora haja necessidade de deslocamento para momentos presenciais. Os cursos podem alternar

momentos de encontro numa sala de aula e outros em que continuamos aprendendo cada um no seu lugar de trabalho ou em casa, conectados através de redes eletrônicas.

A educação semipresencial pode ser considerada uma ponte que liga a modalidade presencial clássica ao EAD permitindo o trânsito entre os dois lados, para assegurar a possibilidade de movimento e de preparação para as mudanças.

Percebe-se que os meios de comunicação, ampliam e aceleram os processos comunicacionais, diversificando as interações sociais, tornando-as mais complexas devido a seus inúmeros objetivos e fazendo com que as pessoas adquiram competências para se socializarem nos ambientes mediatizados. A Educação não fica fora destes processos, mas é aqui que podem acontecer mais equívocos em relação ao encaminhamento de certas propostas, porque a sociedade ainda está fazendo experimentações e tentando selecionar os melhores caminhos para o funcionamento destas interações. Por isso, existe uma grande necessidade de educadores e pesquisadores das duas áreas pensarem criticamente sobre algumas questões, para conseguirem obter de cada uma delas a sua melhor contribuição, deixando de lado propostas simplistas e enfrentando os problemas para estabelecer adequadamente os objetivos da Comunicação e da Educação em suas múltiplas interfaces.

## 2. A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO DA SALA DE AULA

Neste estudo os termos lugar e espaço foram usados indistintamente para se referir à sala de aula. O uso destas palavras foi baseado em uma definição terminológica de Marc Augé que diz que o termo lugar não precisa se opor ao de espaço:

O lugar, como o definimos aqui, não é em absoluto o lugar que Certeau opõe ao espaço, como a figura geométrica ao movimento, a palavra calada à palavra falada (...) é o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico. Naturalmente, é preciso que esse sentido seja posto em ação, que o lugar se anime e que os percursos se efetuem, e nada proíbe falar de espaço para descrever esse movimento (AUGÉ, 1994, p. 65).

Marc Augé inclui na noção de lugar a possibilidade dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza. Seguindo esta idéia, a sala de aula pode ser considerada o lugar onde se integram a aventura comum de um grupo em movimento e a expressão de identidade deste grupo.

Segundo Citelli (2004), para quem trabalha na interface da comunicação com a educação, é um desafio entender e tentar transformar a escola que temos e a sociedade em que vivemos, bem como situar os objetivos da educação no interior da lógica que sustenta a sociedade global atual com o dilúvio de informações e acúmulo de conhecimentos que ainda não são utilizados adequadamente.

A escola continuará sendo um espaço de sistematização e produção de saber. As mediações comunicacionais e o discurso pedagógico possibilitam a inserção da crítica, proporcionando um espaço privilegiado para que professores e alunos reflitam e desenvolvam os saberes científicos (CITELLI, 2004).

A sala de aula ainda representa a maneira mais econômica e operacional para se articular o conhecimento e a construção do saber, além de se constituir em elemento básico no movimento geral de socialização por serem espaços de

comunicação que permitem uma infinidade de relações. (CITELLI, 2004, p. 53).

Esta visão de Citelli evidencia a importância dos contatos pessoais e a materialização dos espaços nos relacionamentos que envolvem vários processos de comunicação, principalmente os interpessoais.

A sala de aula pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunda o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. O acesso ao conhecimento, às relações sociais, às experiências culturais diversas podem contribuir assim como suporte no desenvolvimento singular do aluno como sujeito sócio-cultural, e no aprimoramento de sua vida social.

Em contrapartida, autores como Pierre Levy (1999) defendem a idéia de que espaços delimitados, físicos, como as instituições de ensino serão cada vez menos necessários na sociedade atual, porque o uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber, redefinindo alcances e significados, desintegrando barreiras de espaço e tempo.

As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecida pelo ciberespaço questionam o funcionamento das instituições educacionais, as mentalidades e a cultura destes sistemas, bem como os papéis de professor e aluno.

Para Levy (1999), tanto no plano das infra-estruturas materiais como no dos custos de funcionamento, as escolas e universidades “virtuais” custam menos do que o ensino presencial e favorecem maior socialização no plano do ciberespaço.

As práticas pedagógicas devem acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno (LEVY, 1999, p.82).

A questão é a transição da educação e da formação estritamente institucionalizada para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, reconhecimento auto-gerenciado, móvel e contextual das competências. Para isto, os poderes públicos deveriam garantir a todos uma formação elementar de qualidade; permitindo acesso aberto e gratuito a pontos no ciberespaço e regular uma economia do conhecimento na qual cada indivíduo, cada grupo, cada organização seriam considerados como recursos de aprendizagem potenciais ao serviço de percursos de formação contínuos e personalizados.

Segundo Demo (2009), muitas tentativas focadas em vincular tecnologias com aprendizagem estão dando certo, porém o foco precisa sair da obsessão competitiva de contrapor o ensino *on line* à sala de aula, ou o ensino a distância eliminando o presencial, para pensar a sério como estimular processos de aprendizagem. Para Demo, “o modo de organizar e fazer é que decide a qualidade de aprendizagem, mais do que tecnologias simplesmente”.

Aprendizagem virtual não substitui a sala de aula e não parece predestinada a isso. Seduzidos por custos potenciais mais baixos, executivos no trabalho e administradores em universidades e escolas não tinham consciência de que aprendizagem virtual toma, em média, 5,5 vezes o montante de desenvolvimento a mais do que cursos em sala de aula e, em ambientes universitários, requer mais esforço para ensinar por conta da necessidade de auxílio individual, lidar com frustrações do estudante e assistir aos estudantes com tecnologias do curso. (SHANK apud DEMO, 2009, p.7).

Torna-se fundamental aliar nos assuntos sobre tecnologias de aprendizagem pensar criticamente sobre elas e requerer delas o fomento para o pensamento crítico, deixando de lado o flagrante incitamento ao consumo passivo que acaba “compondo bem basbaquice com imbecilização” (DEMO, 2009).

Pierre Levy, em *Cibercultura* (1999), não evidencia o papel de como despertar o lado crítico e a ética, tanto em professores quanto em alunos, em relação às informações que fluem livremente nos meios de comunicação. De certa maneira, hostiliza o papel da institucio-

nalização do ensino, porém não questiona os interesses da sociedade quando ela pode tomar a ação de ensino por ela mesma, como se nas sociedades, de modo geral, não houvesse interesses institucionalizadores de determinadas informações.

As sociedades centralizaram sempre o saber, porque o saber foi sempre fonte de poder, desde os sacerdotes egípcios aos monges medievais (...) dos mosteiros medievais às escolas de hoje, o saber conservou esse duplo caráter de ser, ao mesmo tempo, centralizado e personificado em figuras sociais determinadas. (BARBERO, 2003, p. 73)

Nesse sentido, educar para cidadania no mundo atual, envolto com as tecnologias atuais, é desenvolver a compreensão de que é impossível querer desacelerar o mundo e, sim, procurar adaptar a forma de educar para as mudanças rápidas e aceleradas presentes em nossas vidas. É ter uma atitude interna de abertura e não de fechamento, uma atitude de questionamento crítico e, ao mesmo tempo, de aceitação daquilo que for relevante.

Para Barbero (2000), a educação tem de ajudar a criar jovens críticos e questionadores para que não se deixem levar pela inércia e acomodação na qual algumas pessoas vivem, tornando-as capazes de entender os poderosos estratagemas de que, hoje, dispõem os meios de comunicação para camuflar seus interesses e fazê-los passar por opinião pública.

Isso implica pensar se a escola está formando o cidadão que não só sabe ler livros, mas também noticiários de televisão e hipertextos informáticos. O cidadão de hoje pede ao sistema educativo que o capacite a ter acesso à multiplicidade de escritas, linguagens e discursos nos quais se produzem as decisões que o afetam, seja no campo de trabalho como no âmbito familiar, político e econômico. Isso significa que o cidadão deveria poder distinguir entre um telejornal independente e confiável e outro que seja mero porta-voz de um partido ou de um grupo econômico, entre uma telenovela que esteja ligada ao seu país, inovando na linguagem e nos temas e uma telenovela repetitiva e simplória. Para tanto, necessitamos de uma escola na qual aprender a ler signifique aprender a distinguir, a tornar evidente, a ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos sobre política, família, cultura e sexualidade (BARBERO, 2000, p.53)



Para Matos (1997), a determinação de todos os aspectos da vida pelas leis de mercado não encontram um aliado em algumas áreas da educação, pois o aumento do desenvolvimento econômico nem sempre corresponde necessariamente ao desenvolvimento humano.

O “princípio do desempenho”, a “concorrência” e a determinação de todos os aspectos da vida pelas leis do mercado não encontram um aliado nas disciplinas humanistas, mas oposição, pois a “auto-regulação” das leis econômicas, isto é, ao aumento do desenvolvimento econômico, não corresponde um desenvolvimento espiritual e humano, mas, provavelmente, sua regressão, bem como o empobrecimento espiritual das sociedades. (MATOS,1997, p. 61)

Olgária Matos não critica diretamente as práticas do uso de tecnologias ou a virtualidade na educação, mas de uma certa maneira deixa evidente, como fazem Barbero e Demo, que se deve atentar para o consumo passivo e a acomodação de algumas pessoas que não querem nem pensar sobre os artifícios que alguns meios de comunicação usam para mascarar seus interesses comerciais. A educação tem como tarefa fundamental conseguir a formação do espírito que desestabilize a apatia da razão de tal forma que o indivíduo possa se aventurar por si mesmo sem cristalizações ou ideias fixas (MATOS,1997).

## **2.1 A Sala de Aula – construção de espaços como parte de uma cultura de identidade**

Conforme Santos (2001) existem diversos estudos para ajudar o entendimento das formas de ocupação dos espaços nos diferentes ambientes. Essa ocupação é determinada pelas características sócio-culturais desse espaço e refere-se também aos territórios invisíveis que todos nós ocupamos.

Steinberg (1988) trata dos aspectos básicos da territorialidade humana e da interação nas diferentes culturas sobre a proximidade aceitável entre as pessoas, que é definido em função do grau variável do estado emocional do indivíduo, da intimidade entre os

interlocutores e da tradição cultural na qual cada sociedade fixou seus hábitos de comportamento em grupo.

Em Barbero (2003), o conceito de desterritorialização como formativo da cultura midiática é importante para entendermos as várias possibilidades de espaços que se sobrepõem. Este conceito se relaciona com o de hibridismo, que nos permite pensar em ocupar espaços sem necessariamente estarmos fisicamente em um lugar ou estarmos em vários lugares ao mesmo tempo. Esta forma de lidar com as noções de espaço e tempo, ainda não esclarece os modos particulares de como se articulam sentidos, práticas e valores culturais. Segundo Barbero, deve-se levar em conta no trabalho com estes conceitos o lugar de onde se concebe um dado construto teórico-metodológico, porque na atualidade existe um processo histórico extremamente diferenciado e descompassado em cada região do mundo, e não é mais possível fixar um estatuto conceitual único que possa ser aplicável em qualquer realidade.

Assim, num dado recorte espaço-temporal pode-se ter uma situação cultural onde o conceito de tradição ainda remeta à sua acepção clássica, dentro da habitual oposição entre o tradicional e o moderno, e em outro, este conceito de tradição deve ser pensado como uma instância relativamente consolidada de práticas e valores, mas que se relaciona com a modernidade.

Entende-se que por mais globalizante que sejam os fluxos atuais de comunicação, eles ainda precisam integrar-se a um referencial construído a partir de elementos particulares ao contexto local, que estão situadas no modo peculiar de desenvolvimento histórico das suas instituições, valores, práticas discursivas e econômicas.

Pensar o processo cultural contemporâneo requer também pensar a questão da identidade e de seus mecanismos formativos. Segundo Barbero (2003), é o mercado

capitalista que pressiona no sentido da formação de identidades locais: “a identidade local é levada a se transformar em uma representação da diferença que possa fazê-la comercializável, ou seja, submetida ao turbilhão das colagens e hibridações que impõe o mercado”. Para Martin-Barbero, a identidade está vinculada à noção de lugar:

O lugar significa nossa ancoragem primordial: a corporeidade do cotidiano e a materialidade da ação, as quais são a base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, forma primordial da comunicação. Pois, ainda que atravessado pelas redes do global, o lugar continua sendo feito do tecido e da proximidade dos parentescos e vizinhanças (...) quebrar toda dependência local é ficar sem a indispensável perspectiva temporal (...) agora entramos em um tempo esférico que, ao desrealizar o espaço, liquida a memória, sua espessura geológica e sua carga histórica (BARBERO, 2003, p. 78).

Para Faria Filho (1998) o espaço escolar institui em sua materialidade um sistema de valores necessário para o processo de aprendizagem, qualquer mudança em sua disposição, modifica sua natureza cultural e educativa. Ao estruturar ou modificar a relação entre o interno e o externo ao meio escolar, ao dispor de uma maneira ou outra as separações e os limites, as relações e comunicações, as pessoas e os objetos, estamos modificando a natureza do lugar. Estamos mudando não somente os limites, as pessoas ou os objetos, mas também o mesmo lugar.

## **2.2 O Ciberespaço e a Cibercultura**

Historicamente sabemos que algumas das inovações mais importantes são reservadas, em um primeiro momento, para usufruto de quem as inventa ou desenvolve, ou para quem pode comprá-las. Com o tempo, versões desses avanços são disseminadas em diferentes lugares, que ficaram de fora da primeira onda de benefícios. Foi assim com o automóvel, o telefone, a televisão, o rádio, entre muitos outros exemplos.

Conforme González (2008), um dos objetivos deste milênio é o da inclusão digital, que é um processo de democratização do acesso às tecnologias da Informação. Mas para ele, o domínio das informações por parte de alguns setores ou instituições ainda persiste, por isso devem existir estratégias globalizadoras que realmente permitam a toda a humanidade acesso a qualquer informação e conhecimento que já circulam na *Internet*.

De acordo com o autor, o acesso aos computadores e à *Internet* pelas sociedades mais pobres pode colaborar com um processo de redução da pobreza digital, que cruza transversalmente com outras pobrezaas.

A informação, a comunicação e, particularmente, o conhecimento, são três áreas que podem moldar de maneira mais autodeterminante a reorganização contemporânea das relações sociais.

A produção de conhecimentos tem um papel determinante na proposta de Gonzales para desenvolver a cibercultura. Esta proposta foi criada para operar no sentido inverso do processo de expansão e difusão do acesso à *Internet* em regiões não centrais da sociedade mundial.

Conforme González (2008) nos países da América Latina foi desenhada uma política de inclusão que sustenta como premissa central que quanto mais acesso aos computadores e à *Internet*, melhor desenvolvimento se terá. Para o autor, além desta asserção ser falsa, quando as pessoas acreditam nela e a aplicam com docilidade como política local de inclusão digital, continuam beneficiando apenas a alguns setores já previamente favorecidos da sociedade. É necessário entender essas tecnologias como um vetor sócio-histórico complexo e não somente como máquinas, artefatos e cabos para acesso à informação que vão ajudar os “pobres” a melhorar sua situação ancestral de carências.

A *Internet* pode auxiliar os pobres a ter mais qualidade de vida, mas ainda é negligenciada uma dimensão que está interrelacionada com a informação e a comunicação ao longo de toda a história: a produção emergente e coletiva de conhecimento situado como estratégia característica da espécie humana para ajudar a resolver seus problemas concretos.

Existem enormes setores da população mundial que mantêm um relacionamento não-familiar e distante com a *Internet* ficando apenas na consulta de conteúdos. Para esse grupo é necessário criar condições para que na rede da *Internet* possam passar de consumidores de conteúdos para a categoria de geradores de informação e conhecimento localmente situados (GONZÁLEZ, 2008).

As ferramentas materiais e conceituais para gestão e cultivo da informação, da comunicação e do conhecimento continuam distribuídas muito desigualmente. Apesar disso, tanto os suportes materiais como as disposições cognitivas podem ser coletivamente administrados e apropriados dentro do que chamamos de estratégia de desenvolvimento da cibercultur@, que se opõe em três frentes à tendência dominante:

- Desenvolvimento que parte de baixo para cima, conecta de dentro para fora (facilitar a conexão entre a periferia e o centro).
- Garantia do acesso dos que não estão conectados ou estão periféricamente ligados é insuficiente enquanto estiverem condenados a consultar a informação e o conhecimento de outros, no qual participam como objetos/usuários, mas jamais como criadores de conhecimento.
- Entrada na sociedade do conhecimento de um modo desvinculado de outros condicionamentos, não garante que, como coletividades com memória e história, possam gerar suas versões do processo, que os transformou em pobres digitais, informacionais.

Para González (2008) é inadequada a teorização sobre o papel do conhecimento disponibilizado para todas as sociedades em um mesmo nível de igualdade e possibilidades, pois ao pensar em um processo de reorganização social em escala mundial, existem

desigualdades estruturais que não permitem o mesmo nivelamento para todas. Neste sentido, as tecnologias de informação e comunicação podem se tornar tecnologias de desconhecimento e reforço da desconexão, o que passou a ser denominado de brecha digital. Estas brechas seriam, ao mesmo tempo, geradas pelas diferenças estruturais das sociedades e geradoras de desconhecimento ou desconexão ocasionando problemas sociais por diversas razões:

- Pela falta de acesso de diversos grupos sociais (pobres, mulheres, indígenas, etc.) a essas tecnologias e, sem elas, à informação e aos conhecimentos mundiais disponíveis na rede;
- Por essa carência ser injusta e reforçar a exclusão social de setores já previamente excluídos.

Conforme González (2008) noções como brecha digital, tecnologias de informação, comunicação e muitas das versões da sociedade da informação não têm densidade nem estatuto teórico sólido e não dão conta adequadamente da dinâmica do processo. Ao contrário, requerem um tratamento sistêmico que possa sustentar em vários níveis as relações entre múltiplos processos interconectados com relações de poder e de internacionalização de fluxos de capitais, de pessoas, de imagens e de informação.

As políticas dominantes mundiais, com relação às tecnologias de informação e comunicação, invocam a brecha digital como um problema prático, devido à falha de acesso à informação e aos conhecimentos colocados lá por pessoas e organizações do mundo inteiro na rede. Não ter acesso à principal fonte de mediação das relações sociais do século XXI agrava a exclusão social de todos os setores que ficam de fora, ou do outro lado dessa brecha. Por essa razão, considera-se que os países com abundância de populações pobres devem ter e aumentar seu contato com essas tecnologias atuais, qualificadas como o instrumento privilegiado para acessar a informação e os conhecimentos organizados e criados para todos, por outros que estão do outro lado da brecha.

Em González (2008) a concepção de cibercultur@ ressalta as três direções de sentido dos elementos que a compõem: o prefixo grego kyber (ciber), a palavra latina cultur e o símbolo tipográfico @.

- CIBER: desenvolver cibercultur@ implica gerar, incrementar, aperfeiçoar, melhorar e compartilhar as habilidades para conduzir relações sociais, num exercício de autogestão coletiva, horizontal e participativa.
- CULTUR: (cultivo, cuidado, atenção e desenvolvimento). A habilidade para se auto-conduzir e se dirigir aos outros para soluções mais inteligentes frente aos enormes desafios do século XXI, pode ser aprendida, pode ser compartilhada, pode ser cultivada com outros e para outros.
- @ (arroba): símbolo que hoje é familiar entre os que utilizam a rede, exatamente por sua semelhança gráfica com uma espiral. González relaciona este símbolo a um circuito de retroalimentação positivo, um processo aberto e adaptável que gera uma resposta emergente que surge da densidade das relações do sistema e não se reduz à soma de seus componentes.

González (2008) propõe o neologismo cibercultur@ (com a arroba @ incluída) para designar uma série de processos específicos que implicam uma dupla qualidade complementar e simultânea:

- Cibercultur@ entendida como um objeto de estudo - voltado a descrever, analisar e explicar os diversos processos de relação entre o cognitivo e simbólico de determinadas sociedades no tempo e no espaço com o vetor tecnológico.
- Cibercultur@ entendida como um valor de desenvolvimento social. O objetivo não é usar as tecnologias de informação e comunicação apenas para acessar sistemas de informação,

mas sim de conceber essas tecnologias como verdadeiras plataformas para desenvolver conhecimento local.

Um conhecimento local, mas que não se acaba em regionalismos, pois sempre tem como pano de fundo a clareza de que está crescendo junto com outras comunidades emergentes em pleno processo de formação de seus próprios sistemas e redes de conhecimento para enfrentar problemas comunitários significativos.

Para que o futuro do mundo contemporâneo seja aberto para todos é necessário outra forma de participação e inclusão: menos centrada na tecnologia, mais centrada no desenvolvimento humano compartilhado. Isto significa mais diálogo com uma sociedade mundial menos surda e impositiva, mais decidida de baixo para cima, dos lados para os lados e, posteriormente, de dentro do subdesenvolvimento para fora, com o objetivo de formar redes de comunidades emergentes de conhecimento local ativas no uso de tecnologias atuais para retecer a malha social.

É quase impossível não relacionar o que González pensa sobre as questões da cibercultura com outro estudioso sobre o assunto, o francês Pierre Lévy. As preocupações de González sempre consideram o desenvolvimento humano e uma sociedade mais justa e igual sem, em momento algum, demonizar a tecnologia, mas mostrando que ainda há muito a se fazer para que todos estes avanços realmente proporcionem benefícios para todos, e não apenas para os que já tem acesso aos avanços tecnológicos, especialmente os que envolvem os meios de comunicação.

Lévy (1999) amarra muito bem as suas argumentações sobre a infinidade de benefícios que a inserção no ciberespaço e a criação de uma nova cultura humana que se desenvolveria nele (cibercultura) proporcionará para o mundo e faz uma “crítica da crítica” dizendo que é preciso interrogar hábitos e reflexos mentais cada vez menos adequados a estas



questões. Parece impossível apresentar a Lévy uma crítica ou lançar uma dúvida sobre os benefícios/vantagens do ciberespaço, pois ele aponta só possibilidades favoráveis ao que pode acontecer.

Conforme Lévy (1999) a emergência da cibercultura provoca uma mudança radical no imaginário humano, transformando a natureza das relações dos homens com a tecnologia e entre si. O autor defende uma interrelação muito próxima entre subjetividade e tecnologia. Através do conceito de "tecnologia intelectual", Lévy discorre sobre como a tecnologia afeta o registro da memória coletiva social. As noções de tempo e espaço das sociedades humanas são afetadas pelas diferentes formas através das quais este registro é realizado.

Lévy (1999) une técnica, sociedade, cultura, arte, educação, cidadania em um único espaço: o virtual, que para o autor, é apenas um ponto de partida para conhecermos e planejarmos melhor o território real. O imaginário humano sempre esteve atrelado à tecnologia, sendo que não podemos pensá-la diferenciada da sociedade, como um elemento isolável, mas sim considerarmos um mundo permeado pela tecnologia, que influencia as formas de sociabilidade. A partir da perspectiva das tecnologias intelectuais, Lévy traça um histórico da humanidade, mostrando de que forma cada uma delas influenciou sua época, até chegar à mudança que estamos vivendo hoje em dia:

No caso da informática, a memória se encontra tão objetivada em dispositivos automáticos, tão separada do corpo dos indivíduos ou dos hábitos coletivos que nos perguntamos se a própria noção de memória ainda é pertinente (LÉVY, 1995, p. 45)

Para Lévy (1999) alguns críticos estão sendo “cegos e conservadores” em relação ao mundo virtual, são movidos apenas pelo medo de perder o poder e o monopólio para o

Ciberespaço e diante disso não se permitem conhecer esse novo modelo de comunicação e interatividade e as transformações positivas provocadas pelo mesmo.

Em relação ao ciberespaço ser sinônimo de exclusão, de caos e de confusão, González (2008) admite que para as regiões que ainda estão em desenvolvimento, o acesso à rede exige alto custo e toda tecnologia requer qualificação para ser manuseada. No entanto, esse é um problema para ser colocado em perspectiva, as questões do caos e da confusão partem de falsas premissas de que não existe censura no Ciberespaço e nenhuma autoridade garante o teor das informações disponibilizadas, o que deixa o seu conteúdo vulnerável à desconfiança.

Quanto a isso, Lévy (1999) indica que “os *sites* são produzidos e mantidos por pessoas e instituições que assinam suas contribuições e defendem sua validade frente à comunidade dos internautas”. Ao contrário do que muitos pensam, o Ciberespaço não veio eliminar outros meios de comunicação, apenas possibilita formas mais práticas de conhecimento, de relacionamento e interação que de certa maneira facilitam a vida cotidiana.

A concepção do termo *cibercultur@* apresentada por Jorge González não está necessariamente relacionada ao mundo dos computadores ou às redes de *Internet*, como já é costume compreendê-la em Pierre Lévy. Por razões cognitivas e organizacionais, a inclusão forçada não parece ser a melhor forma de ter acesso aos benefícios da *Internet* e ao mundo da informação em uma sociedade marcada por pobres excluídos nas mais diversas dimensões.

Para González, a estratégia de Lévy parece consistir mais em incorporar ao mercado mundial uma enorme massa de miseráveis, especialmente as crianças como consumidores potenciais das informações e dos produtos do ciberespaço. Mas não se pode esquecer que a realidade dos países de terceiro mundo é bem diferente da dos países desenvolvidos.

A mudança educacional nos países de terceiro mundo, mesmo depois de todos esses anos, ainda está engatinhando. Um professor, para se tornar um incentivador da “inteligência coletiva”, não depende só do conhecimento e do uso das tecnologias atuais e dos novos meios de comunicação, mas de uma série de outros fatores, tanto na área da educação, quanto nas vontades políticas e políticas econômicas que ajudam a reger toda a estrutura educacional de um país.

### **2.3 A Relação Professor-Aluno neste contexto**

No processo de ensinar um determinado conhecimento, o professor é levado à necessidade de modificá-lo para que esse conhecimento se transforme em objeto de ensino que possa ser compreendido e aprendido. Todo o professor faz isso permanentemente em suas atividades educacionais: recorta e seleciona o conteúdo de acordo com o que ele considera relevante; divide o conteúdo e depois restabelece as partes com um fio condutor que amarra o conteúdo e o distribui. Para que o aprendizado se transforme em conhecimento é necessário reintegrar as partes e relacionar os diversos conteúdos disciplinares. Para isso, o professor deve estar preparado para descrever e explicar um mesmo fenômeno na perspectiva de diferentes disciplinas e também o de relacionar as diferentes formas de conhecer um mesmo fenômeno.

Comparando Adilson Citelli (2004) com Pierre Levy (1999), o primeiro parece compactuar com o pensamento acima, principalmente no que diz respeito ao papel do professor como condutor e orientador no processo de aprendizagem, bem como o de crítico, quando este escolhe, recorta e seleciona o que acha relevante. O professor, além de ensinar, também é responsável pela construção do conhecimento do aluno com implicações éticas e intelectuais.

Para Levy (1999), não cabe mais ao professor selecionar e recortar os assuntos antes dos alunos, mas sim junto com eles e de acordo com os interesses deles.

O professor torna-se animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu cargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem (LEVY,1999, p. 53).

A comparação do professor a um animador pode incomodar alguns professores, pois alguns alunos podem ter uma visão equivocada em relação a determinados assuntos, ou valores e nestes casos não dá para abrir mão do papel de educador e só ficar no papel de animador sem pensar em conseqüências, tanto individuais como coletivas.

Segundo Olgária Matos (1997), professores que trabalham, principalmente na área das humanidades, pensam em educação como disciplina formadora e não-performática, perguntando-se sempre que tipo de indivíduos pretende-se formar. A resposta depende de uma interpretação do homem e de seu tempo.

Os estudantes que estão crescendo neste mundo digital interativo aprendem de maneira diferente e apresentam uma nova demanda às universidades. Não se deve negar as novas exigências de mercado em relação a educação, muito menos as tecnologias atuais que permitem uma infinidade de acessos a informação, conhecimentos e relacionamentos.

Outra dificuldade que o processo de aprendizagem pode enfrentar está relacionado com a atenção que por sua vez está ligado à forma com a qual o professor expõe suas aulas, sendo ele o responsável não só pelo cumprimento do conteúdo programático da disciplina como também sendo um agente intermediário entre o conhecimento e o aluno.

A atenção é importante para que ocorra o aprendizado do grande volume de informações que uma pessoa absorve diariamente pelos mais diversos meios de comunicação.

Segundo Silva (2006) a atenção é inata no indivíduo e pode ser dividida em voluntária e involuntária:

- A atenção voluntária é aquela que o indivíduo direciona conscientemente para aquilo que considera essencial para o seu desenvolvimento. Este tipo de atenção tem cunho social e base na mediação simbólica;
- A atenção involuntária é aquela natural, apresentando-se desde o início da vida da pessoa. É chamada de involuntária porque o indivíduo não tem domínio, nem consciência sobre a importância daquilo que lhe chama a atenção.

Os alunos muitas vezes não se interessam por determinados conteúdos ou explicações expostas pelo professor. Nos cursos tecnológicos esta incidência é maior em disciplinas que são consideradas de conhecimento geral e/ou complementar à formação escolhida provocando o desvio de atenção do aluno para coisas diversas. É fácil constatar em poder dos alunos, os mais diversos apetrechos tecnológicos, que competem corpo a corpo com o professor no que diz respeito à atenção.

No ambiente escolar um dos grandes problemas de atenção é a forma com a qual os conteúdos são abordados pelos professores. O uso de alguns métodos conservadores pelos docentes vai na contramão da realidade que os alunos vivem, pois estão em contato com os mais diversos meios tecnológicos diariamente e são expostos a uma diversidade de informações pela mídia.

Por isso, a postura do professor em sala de aula deve acompanhar a realidade do aluno. O docente deve procurar a melhor forma de adequar o conteúdo curricular à linguagem que os alunos estão acostumados, criando canais de comunicação que despertarão o interesse e conseqüentemente a atenção estará voltada para melhor aproveitar o aprendizado. A Escola deveria proporcionar esse canal de comunicação entre conteúdos e a realidade social,

investindo e colocando a disposição dos alunos e professores os meios tecnológicos e didáticos para tornar as aulas mais interessantes e proveitosas.

O processo de aprendizagem está inteiramente ligado ao contexto do educando. Por isso quando é ignorado este contexto, as dificuldades do aluno vão aumentando. É possível afirmar que a aprendizagem ocorre de forma seletiva e tem a atenção como instrumento importante no seu processo. Conhecer os anseios e desejos dos alunos, assim como o meio onde convivem é primordial para que o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem seja realmente eficaz.

A ênfase deverá estar na aprendizagem, na apropriação ativa da informação pelo indivíduo e não na transmissão da informação e nos processos de memorização. As informações que não são processadas são facilmente esquecidas. É o aprendiz que programa, que escolhe os comandos necessários, que organiza a relação entre eles, que ordena os procedimentos, que reflete sobre os seus "erros" e manipula as representações simbólicas. Ao desenvolver essas atividades, ao organizar a sua própria experiência de aprendizagem, a sua capacidade de construção e re-construção do conhecimento, é que o sujeito conquista a sua autonomia e assume o comando de sua própria vida.

O problema da aprendizagem implica o problema do conhecimento. No caso do uso de tecnologias atuais, o conhecimento é construído através do diálogo com o computador que por sua vez deverá colaborar para a compreensão da gênese do conhecimento no aluno ao esclarecer o funcionamento de sua mente, para o aumento da possibilidade de retenção do aprendido e para o desenvolvimento da autonomia. Um ambiente de aprendizagem informatizado requer uma nova pedagogia que não poderá se contentar em ser mera transmissora de conteúdos e de informações.

Educar nesse ambiente cibernético e globalizado envolve a compreensão de preparar os indivíduos para vivenciarem uma nova ética, capaz de melhorar a convivência.

#### **2.4 O professor e os novos desafios**

O objetivo de desenvolver nos estudantes reflexões críticas e autocríticas requer um esforço cada vez maior por parte dos professores, tanto nas situações que envolvem o ensino a distância, quanto nos presenciais.

Demo (2009) destaca que são quatro os problemas mais comuns que os professores enfrentam em ambientes de aprendizagem virtual : 1- carga de trabalho: mesmo sendo difícil mensurar sobrecarga e tempo, pois isso passa por percepções subjetivas, a dedicação à aprendizagem virtual muda o ritmo de trabalho, exigindo maior atenção aos estudantes à distância, que pode não ser remunerada adequadamente; 2- falta de habilidade tecnológica: muitos docentes ainda não sabem lidar com o computador e a *Internet* ou não sabem usá-los para a aprendizagem; 3- problemas que dizem respeito aos direitos de propriedade intelectual: é freqüente existir um forte senso de propriedade que resiste ao uso da *Internet* (a argumentação é a mesma do mercado: sem propriedade na há liberdade e incentivo para inovar); 4- reconhecimento: os professores sofrem com a falta de reconhecimento e promoção, devido às regras rígidas em termos de publicações que a academia exige e com a falta de uma revisão urgente de recompensas do professorado, que estão fora de sincronia com as novas formas de vida acadêmica.

A falta de reconhecimento do professor não é só por parte da academia. A sociedade, de maneira geral, vem tratando com indiferença o papel deste profissional que é importante também para promover um nível mais alto de educação. Esta falta de valorização

pode ter origens em algumas políticas públicas e mudanças sociais que fazem com que os desafios a serem superados sejam maiores.

Embora não haja intenção de fazer um levantamento exaustivo das causas deste problema, vale destacar que nas últimas décadas, três fatores podem ter sido relevantes para isto ter ocorrido.

Um primeiro fator trata do desinteresse de governos com políticas sólidas na área de educação, e pela falta de incentivo aos professores que se viram confusos com tantas mudanças nas diretrizes de ensino, sendo muitas vezes cobaias e fazendo seus alunos de cobaias, pois muitas mudanças não tinham fundamentos e se tornavam experimentais, tanto para professores quanto para alunos, que viraram vítimas de politicagens e ideologias partidárias.

Na visão de Citelli (2004) um dos problemas que marcam as políticas públicas no Brasil, continua sendo o da falta de planos de médio e longo prazo que possam ser cumpridos, com ajustes necessários, por mais de uma gestão governamental. Essa constatação encontra no campo da educação exemplos de negligência e desperdício, transformando o que seriam projetos de maior duração, muitas vezes maturados por especialistas na área de educação, em períodos cuja vigência limita-se aos interesses dos consensos momentâneos de poder.

Várias gerações pagaram/estão pagando a conta pela precária formação que obtiveram, decorrente, sobretudo, do descaso, da intolerância e da incapacidade de estabelecer e cumprir projetos temporalmente articulados no campo educacional e abertos para a sociedade (CITELLI, 2004, p. 62)

Muitos dos alunos dos cursos de tecnologia sofreram estas mudanças dentro das salas de aulas ao longo de sua vida escolar, assim como muitos professores que lecionam para estes alunos formaram-se no meio delas. Como em alguns casos as preocupações com o aprendizado do aluno e a falta de preparo dos professores ficaram relegadas a um segundo



plano, pode-se pensar que o desinteresse, às vezes de ambas as partes, possa ter levado à falta de respeito à figura do professor.

Alunos, professores e sociedade sofrem com as conseqüências de políticas erradas, tanto do governo quanto de outras instituições. Mas é o professor que fica de frente com as principais partes envolvidas e é difícil para a grande maioria das pessoas reconhecerem que ele também pode ser vítima de determinados sistemas.

Um segundo fator diz respeito à desconstrução do feitiço tradicional da família que também passou por mudanças consideráveis. A igualdade sexual aos poucos foi tirando a “mãe” das estruturas familiares para o mercado de trabalho. Em muitos casos por necessidades financeiras, em outros, por satisfação ou realização pessoal ou profissional, fatores que desencadearam uma ruptura e diluição nos papéis de responsabilidade e cuidados em relação aos filhos. Empregadas domésticas, babás, parentes, creches vão assumindo estes papéis, cada um a sua maneira, cada um com um tipo de envolvimento. No meio desta sociedade consumista as pessoas vão se tornando cada vez mais individualistas e os pais já não pensam mais no futuro dos filhos como prioridade, mas sim na conquista de bens materiais e satisfação pessoal, mais uma vez relegando o difícil papel de ser pai e mãe para outras pessoas. Estes fatores vão desembocar na escola e na expectativa que a instituição e seus professores devam cumprir um papel que não é deles e sim da família. Muitas políticas e ideologias educacionais caíram neste embuste de acreditar que escolas e professores pudessem suprir o papel da família, e mais ainda, melhor do que ela. Passou-se a cobrar então do professor o papel de pai, mãe, psicólogo, assistente social, babá. E lógico, como os professores não são super-heróis com superpoderes, acabou-se criando mais um ponto de expectativa em relação ao papel do professor, visão que se arrasta em todos os segmentos sociais e em todos os níveis educacionais, até o superior.

Segundo Braga e Calazans (2001), nos espaços em que nem a família nem a vida ensinam, a Escola entra como planejadora e fornecedora de aprendizagem e acaba falando pela sociedade e sendo legitimada por ela.

A sociedade atribui ao seu sistema propriamente educacional todas as aprendizagens que (...) não podem ser deixadas aos espaços auto-regulados da família, da cultura e da vida prática. A base da clivagem é que na Educação há direcionamento e intencionalidade social expressa, enquanto nos demais espaços os processos são “espontâneos” ou eventuais. A sociedade coloca questões de aprendizagem – a Escola propõe encaminhamentos. A Educação se coloca como campo social legitimado para o “aprender” destacado das condições de espontaneidade e da vivência (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 91).

Para Barbero (2003), os processos de comunicação na América Latina estão relacionados a fatores como os de modernização econômica e mudanças na educação. Quando ele identifica as dimensões necessárias para compreender estes processos aponta que os novos modos de estar juntos, como pais que perdem a autoridade de comportamento e como a escola não sendo mais o único lugar do saber, são desafios que a comunicação coloca à educação, além da inclusão social e cultural.

Os meios de comunicação não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de socialização, de dispositivos de identificação/projeção de pautas de comportamento, estilos de vida e padrões de gosto. (BARBERO, 2003, p. 66).

Um terceiro fator é o fato de que em nossa sociedade a educação virou um produto. Como produto, ela pode ser comprada e se alguém comprou, tornou-se cliente de quem a vendeu. A medida que alunos passaram a ser considerados clientes, algumas confusões podem acontecer. Pode-se observar que alunos de ensino superior consideram-se muito mais clientes do que alunos: “o cliente sempre tem razão” portanto, a responsabilidade do aprender não é deles. Como clientes, e no caso de instituições particulares principalmente, pagaram

pelo ensino, e por algum motivo mágico os professores têm que fazer com que eles aprendam, independentemente do esforço, desempenho ou determinação do aluno.

Muitas IES privadas, elevaram o aluno a uma condição de cliente onde se pressupõe que ele freqüente a faculdade para receber um produto ou comprar um serviço. Observa-se que alguns alunos chegam a faculdade com o objetivo de “adquirir” o diploma, não se importando com todo o processo de formação que deveria ter ao longo do curso escolhido. Nesse contexto a visão é meramente mercantil, não educacional. No entanto, aluno não é cliente, e tampouco professor é comerciante.

Conforme Freire (1992), no processo de aprendizagem o aluno assume o papel central cabendo ao professor uma posição de facilitador, interlocutor e como elo entre as várias disciplinas criando um ambiente onde a interdisciplinaridade possa acontecer.

O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao ato de apreender o conteúdo ou o objetivo cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado. (FREIRE, 1992, p. 43)

Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma (...) não há docência sem discência, as duas se explicam (...) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2005, p. 62).

As expectativas que recaem sobre o professor são altas.

Como o uso das tecnologias é cada vez mais crescente na educação, o computador e o acesso à *Internet* deveriam ser equipamentos comuns ao docente, tanto quanto o quadro e a caneta. O professor deve se inserir neste contexto, procurando rever sua formação original dentro de um processo de aprendizado pedagógico e tecnológico contínuos. Por sua vez, as instituições educacionais também deveriam dar condições para os professores se equiparem e se aperfeiçoarem.

Este comportamento do professor pode sustentar a sua valorização socioeconômica e a sua dignidade na sociedade, mas a sociedade deveria participar e exigir ações políticas e investimentos mais consistentes na área educacional e não deveria permitir que alunos, docentes e ela mesma sejam vítimas de modismos, clientelismo e politicagens, para assim promover um nível cada vez mais alto de educação que também passa pela valorização do professor.

### **3. ANÁLISE EM UM CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA**

A educação superior no Brasil apresentou na década de 90 um forte crescimento no número de Instituições de Ensino Superior (IES). Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), o avanço do número de IES passou de 893 em 1991 para 2.281 em 2007 representando um aumento de 155% no período. No reflexo desse crescimento observou-se também um expressivo aumento na abertura de novos cursos e de vagas oferecidas (INEP, 2007).

Com a ampliação do número das IES e com as crescentes modificações no mercado de trabalho, os cursos superiores de tecnologia (com duração entre 2 e 3 anos) tomam a partir de 2000 uma nova dimensão, apesar de já existirem há mais de 30 anos no Brasil. Segundo dados do INEP (2007), entre os anos de 2002 à 2007 a quantidade de cursos em educação tecnológica passou de 636 para 3.702 (aumento de 482%) e o número de alunos matriculados avançou de 81 mil para 348 mil (aumento de 329%).

Os cursos superiores de tecnologia estão inseridos na educação profissional estabelecidos na LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), regulamentado pelo decreto 2208/97 e no parecer 436/01 do Conselho Nacional de Educação. Estes cursos são abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e seus graduados são denominados de tecnólogos e podem dar prosseguimento a seus estudos em outros cursos e programas da educação superior, tais como graduação, especialização, mestrado e doutorado. Eles cresceram devido a uma economia competitiva onde as empresas, para se destacar e sobreviver, devem necessariamente investir em profissionais que tenham uma visão clara de futuro, focada em objetivo e metas, senso crítico e investigativo para o

desenvolvimento de novas idéias e a realização de projetos compatíveis com essa nova realidade.

Neste cenário os cursos de gestão tecnológica assumem um papel de transformação organizacional voltada para o futuro, conduzida e executada pelas diversas esferas administrativas e operacionais das empresas e organizações. Esse processo deve ser levado a efeito sistematicamente envolvendo, de forma integrada e harmônica toda a equipe de colaboradores, dos dirigentes ao pessoal técnico e operacional, tendo como objetivo principal assegurar o crescimento, a continuidade e a sobrevivência da organização.

Espera-se que o técnico de nível superior exerça suas funções em diferentes áreas dos setores produtivos, prestação de serviço, comércio, saúde, indústria e organizações do terceiro setor. Nesse sentido, este gestor deve ser capacitado para organizar, gerir, planejar, supervisionar e controlar os recursos materiais, tecnológicos e humanos da organização. Concentrando sua habilidade para implantação de tecnologias atuais, gestão, planejamento e controle.

### **3.1 O curso da IES analisada neste estudo**

Para este estudo foram analisadas as propostas pedagógicas dos cursos superiores de tecnologia de uma IES localizada no eixo das cidades de Sorocaba e Indaiatuba, interior do Estado de São Paulo. Embora essa região tenha sido escolhida por facilidades de acesso às informações necessárias a este estudo, ela mostrou-se bastante adequada devido à presença de um parque industrial diversificado e de uma complexa rede de comércio e de prestadores de serviços.

Na IES analisada, percebe-se que as ementas dos cursos superiores de tecnologia são elaboradas de forma a privilegiar a integração das disciplinas nos seus diversos módulos

permitindo que os conteúdos programáticos contribuam para a formação de profissionais dotados das competências, habilidades e atitudes correspondentes ao perfil desejado do egresso.

Levando-se em consideração as características regionais específicas da IES pesquisada, de acordo com consulta em seu Projeto Institucional, os cursos superiores de tecnologia foram formatados de maneira a possibilitar a formação profissional que permitam aos seus egressos: 1- mobilizar os recursos disponíveis para o encaminhamento de soluções apropriadas para os mais diversos contextos organizacionais; 2- lidar com pessoas, desenvolvendo habilidades de trabalho em equipe, de comunicação e de negociação visando à autonomia para tomada de decisão; 3- desenvolver, de forma plena e inovadora atividades voltadas aos negócios dos diversos portes organizacionais; 3- diagnosticar cenários visando o estabelecimento de um empreendimento (negócio) com foco na qualidade; 5- analisar a viabilidade econômico-financeira da implantação de empreendimentos e projetos na busca da qualidade total; 6- articular os conhecimentos, alinhando a teoria com a prática vivenciada, para a tomada da melhor decisão ou fazer o encaminhamento mais adequado; 7- avaliar os impactos do empreendimento com vista à qualidade de serviços e produtos.

Observa-se uma grande assimetria entre as competências encontradas nos alunos ingressantes nesses cursos com os objetivos almejados na formação do egresso, cabendo ao corpo docente a tarefa de minimizar esse desnível possibilitando aos alunos acesso e entendimento das mais variadas informações presentes no conteúdo programático de cada IES.

### **3.2 O aluno - perfil predominante**

O perfil dos 274 alunos analisados neste estudo foi obtido através de um levantamento (Apêndice I) em que os alunos dos Cursos de Gestão da Qualidade e de Processos Gerenciais de um Centro Universitário foram selecionados por conveniência. O acompanhamento e avaliações aconteceram durante o ano letivo de 2010 na disciplina de Comunicação Empresarial I (1º semestre do curso) e Comunicação Empresarial II (2º semestre do curso), entre estudantes ingressantes em 2010. Na análise dos resultados observou-se que o grupo de alunos é composto de 66% por mulheres e 34% de homens. A faixa de idade predominante foi de 20 a 29 anos com 56% e na faixa de 30 a 39 anos com 22%. Quanto à origem na formação escolar até o ensino médio, temos que 93% vieram do sistema público e 7% do sistema privado. Em relação ao tipo de formação, 56% dos alunos cursaram o ensino médio normal, 27% o ensino técnico de nível médio e 17% completaram o ensino médio cursando o supletivo. Foi observado também que apenas 23% terminaram o ensino médio no ano imediatamente anterior ao ingresso da faculdade; ainda nesta questão, encontrou-se casos extremos de mais de 20 anos de separação entre a conclusão do ensino médio e o ingresso na faculdade. Observou-se que 87% dos alunos se manifestaram como sendo o primeiro integrante da família (pais, irmãos, cônjuges e filhos) a cursar uma faculdade. Na pergunta sobre renda familiar/classe social, as maiores frequências foram de 36% na classe com renda até R\$ 1.500,00 e de 57% na classe com renda entre R\$ 1.501,00 e R\$ 3.000,00. Quanto a atuação profissional, 27% encontram-se desempregados; dos que se encontram atualmente colocados no mercado de trabalho, 87% atuam em funções operacionais e apenas 13% exercem algum tipo de chefia ou supervisão. Finalmente, com relação às expectativas em relação ao curso a grande maioria (88%) indicou que o curso seria uma oportunidade de ascensão social e profissional.



**Tabela 1: Perfil Demográfico dos alunos selecionados**

	CATEGORIA	FREQUÊNCIA	FREQ. REL.	
<b>GÊNERO</b>	masculino	93	33,9%	
	feminino	181	66,1%	
	<b>TOTAL</b>	<b>274</b>	<b>100,0%</b>	
<b>IDADE</b>	até 19 anos	36	13,1%	
	20 a 29 anos	154	56,2%	
	30 a 39 anos	61	22,3%	
	40 a 49 anos	21	7,7%	
	acima de 50 anos	2	0,7%	
	<b>TOTAL</b>	<b>274</b>	<b>100,0%</b>	
<b>INSTRUÇÃO</b>	origem	público	255	93,1%
		particular	19	6,9%
		<b>TOTAL</b>	<b>274</b>	<b>100,0%</b>
	tipo	normal	153	55,8%
		técnico	74	27,0%
		supletivo	47	17,2%
<b>TOTAL</b>		<b>274</b>	<b>100,0%</b>	
<b>RENDA</b>	até R\$ 1.500	98	35,8%	
	R\$ 1.501 a R\$ 3.000	156	56,9%	
	R\$ 3.001 a R\$ 4.500	16	5,8%	
	acima de R\$ 4.501	4	1,5%	
	<b>TOTAL</b>	<b>274</b>	<b>100,0%</b>	

**Fonte: elaborado pela autora**

Observam-se, em sala de aula, alguns comportamentos que chamam a atenção por serem repetitivos e notados pela maioria dos professores e que dificultam esta empreitada: alunos que não reconhecem limites e possuem dificuldades de relacionamento com as figuras de autoridade; não aguardam o momento para colocarem suas ideias ou opiniões; não suportam críticas e frequentemente culpam os colegas e os professores pelos seus desempenhos insuficientes.

Esses comportamentos levam à indisciplina nas salas de aula. É um problema muito complexo e abrangente com influências sociais, culturais, políticas e educacionais. Com o processo de ensino-aprendizagem, pretende-se encontrar alguns caminhos que possam justificar estas atitudes, bem como melhorar o relacionamento professor-aluno.

No desenvolvimento dos conteúdos programáticos presentes no projeto pedagógico alguns professores, às vezes, desempenham o seu papel de forma inadequada e abusam do exercício de autoridade em sala de aula, passando para o autoritarismo. Desqualificam o aluno e não consideram suas diferenças, vivências ou dificuldades, em vez de conquistar o respeito com aulas bem preparadas e boa comunicação.

Em conversas informais com alunos dos cursos de tecnologia percebe-se alguns fatores que os levam a desrespeitar e/ou não aceitar certos professores, tais como: 1- Sentir que o professor é pouco preparado em relação ao conteúdo da disciplina; 2- Avaliar que o professor tem pouca experiência na área de educação ou na área técnica; 3- Perceber que o professor não consegue relacionar os conceitos apresentados em aula com a prática onde os alunos desejam atuar; 4- O professor usar linguagem incomum e de difícil entendimento; neste caso os alunos acreditam que o professor quer mostrar superioridade a eles, paradoxalmente, alguns alunos não respeitam professores que abusam da mesma linguagem deles em sala de aula como gírias ou atitudes de intimidade; 5- Professor que não “controla” a classe; por outro lado os alunos se sentem indiferentes ao desrespeito dos colegas em relação aos professores e a eles mesmos.

Conforme Josgrilbert (2001), o professor deve ter uma atitude que conduza sua prática e a de seus alunos a atos de reflexão e de humildade frente ao conhecimento propiciando atitudes interdisciplinares. A interdisciplinaridade tão falada, mas pouco praticada, não apenas leva à formação mais completa do estudante, preparando-o para

interagir com as informações e construir seu conhecimento, como também permite uma compreensão mais profunda das próprias questões especializadas. Nesse sentido, a educação tem a seu encargo a formação de pessoas críticas e capazes de enfrentar com ética os desafios impostos neste novo milênio.

### **3.3 A construção de espaços na IES analisada**

A organização espacial na sala de aula, tanto pelo professor como pelos alunos, contribui para a construção de novas relações entre professor-aluno e entre aluno-aluno, auxiliando na constituição de um espaço onde possa prevalecer a interação social com todas as assimetrias presentes neste ambiente. Cada aluno traz para a escola uma multiplicidade de experiências pessoais e profissionais possibilitando através dos contatos cotidianos a formação de um espaço escolar, de uma rede de contatos, que se enreda em muitas direções. Como o curso de Gestão Tecnológica é de curta duração (2 anos), cabe ao professor estimular que esses contatos iniciais entre os alunos sejam feitos de maneira ágil, atuando nesse processo de integração.

Pensando em uma sala de aula com formato tradicional, ou seja, lousa na frente, a seguir mesa do professor e carteiras dispostas em fileiras até o fundo da sala, são várias as observações que se pode fazer em relação à ocupação do espaço, quando o professor ainda não interfere no processo de ocupação. No início dos cursos, quando os alunos ainda não se conhecem bem, é interessante a maneira como eles entram na sala e procuram em primeiro lugar as carteiras nas laterais. As laterais onde estão as portas são as primeiramente preenchidas. Uma das razões para isto pode ser o fato dos alunos não conhecerem os professores, os colegas e caso haja algum tipo de desconforto fica mais fácil sair, sem chamar a atenção. Geralmente, neste período os lugares da frente são os últimos a serem preenchidos.

Neste momento, quando o professor está na frente da sala de aula olhando para o fundo percebe que a sala é preenchida primeiramente nas laterais e do fundo para frente.

No início dos cursos o professor precisa chamar alunos para ocuparem as carteiras da frente. O fato dos alunos procurarem as fileiras laterais encostadas nas paredes pode indicar um receio em relação aos relacionamentos, pois escolhendo esta disposição, o número de pessoas ao redor diminui. À medida que as pessoas vão se conhecendo as disposições iniciais mudam e percebe-se que os alunos começam a ocupar os espaços por afinidades, como por exemplo ao identificarem colegas que trabalham na mesma área. A estrutura tradicional da sala de aula e os espaços ocupados pelos alunos neste período são mantidos e as distâncias entre as carteiras são bem simétricas.

A partir do momento em que os alunos precisam interagir em grupos, percebe-se que além das afinidades por áreas existe também uma aproximação por empatia.

O professor ainda não interfere na formação dos grupos, a não ser na orientação de números mínimos e máximos de componentes, lembrando que nos cursos de Gestão da Qualidade e Processos Gerenciais da IES analisada a quantidade média de alunos nas salas é de aproximadamente noventa alunos.

A grande maioria dos grupos é formada por pessoas que simpatizam umas com as outras e nesta fase os alunos se aproximam mais fisicamente também uns dos outros. Com os grupos formados, a procura para ocupar os espaços laterais, deixando o meio da sala praticamente vazio é comum aos comportamentos individuais. É interessante observar que o grupo tende a se posicionar próximo do lugar onde a pessoa ou as pessoas mais influentes já estavam. Na maioria das vezes, estas pessoas são as mais participativas, ou que de alguma maneira já demonstraram conhecimento na área de atuação profissional.

Depois destas primeiras interações, observa-se que a maioria dos grupos se mantêm na mesma posição e que nas aulas onde não há necessidade de formação de equipes, os componentes dos grupos continuam próximos uns dos outros, desestruturando a formação inicial, deixando os espaços assimétricos na sala, porém simétricos entre os colegas do mesmo grupo. Os conflitos também aparecem logo depois das primeiras atividades deste tipo. Percebe-se o mal estar de alguns alunos que tentam se encaixar em outros grupos, ou que se afastam dos colegas iniciais quando não há necessidade de trabalho em equipe. Alguns chegam a se isolar e às vezes pedem para fazer os trabalhos individualmente.

No início do segundo bimestre, alguns grupos são modificados pelos próprios alunos. Nesta etapa, muitos alunos percebem que as primeiras impressões sobre alguns colegas estavam erradas e procuram formar outros grupos preocupados com o aproveitamento/rendimento escolar. A participação efetiva dos componentes passa a ser mais relevante. Observa-se uma ruptura em determinadas formações. Algumas lideranças autoproclamadas ou aceitas pacificamente por certas equipes passam a ser questionadas. Havia o reconhecimento de um ou dois componentes importantes e o restante dos alunos não se manifestava, a partir de agora, os alunos procuram reconhecimento de sua participação e suas opiniões.

Nesta fase, existe por parte dos grupos uma interação maior com o professor, além das interações entre os alunos de uma maneira geral, pois o tempo de convívio já permite percepções um pouco mais apuradas dos colegas. Como o professor também passa a conhecer mais os alunos, ele também passa a interferir na construção dos espaços e composição dos grupos. Certas atividades tiram os alunos do local de costume, justamente para que não se acomodem e realizem mais relacionamentos e tenham mais experiências. Quando os grupos

são alterados, ou quando a formação do espaço da sala é mudada, depois de alguns instantes de ansiedade e acomodação, os alunos ficam mais participativos.

Observou-se esta reação no exemplo a seguir: em uma aula, o professor se colocou no fundo da sala e pediu para que os alunos invertessem a posição de suas carteiras e, em vez de fileiras formassem semicírculos obrigando-os, de certa forma, a diminuir a distância entre eles, e a dos alunos em relação ao professor; o professor ficou sem espaço para circular entre as carteiras, mas de modo geral, ficou mais próximo da maioria dos alunos. Eles tiveram uma receptividade boa em relação à mudança, mostrando uma certa euforia com as novas distâncias e formato da sala. A participação neste dia foi dinâmica e proveitosa. Este exemplo não tem a intenção de servir de conclusão para nenhum tipo de teoria, mas evidencia que há possibilidades de construções e percepções diferentes em um mesmo espaço já conhecido e delimitado.

### **3.4 Estratégias Pedagógicas**

No caso dos alunos dos cursos de tecnologia avaliados neste estudo, percebe-se a grande dificuldade de eles se expressarem principalmente na escrita. Assim, um dos objetivos estabelecidos na disciplina de Comunicação Empresarial foi o de melhorar o nível da capacidade de escrever dos alunos ingressantes. A capacidade de escrever bem é extremamente importante para uma carreira profissional de sucesso. A dificuldade, que alguns alunos apresentam, é em parte reflexo da formação recebida no ensino fundamental e médio e pode limitar o seu futuro profissional.

O objetivo de melhorar a expressão e produção de textos deve ser complementado com a preocupação dos demais docentes na formação profissional dos alunos, não apenas em

relação à aprendizagem de conteúdos técnicos, mas também com a forma de interpretação e expressão dos vários tipos de texto.

Em geral, nos cursos de educação tecnológica verifica-se pouco envolvimento dos alunos com as disciplinas que envolvem a produção e interpretação de textos. O papel dos estudantes nestas aulas é mais passivo e descompromissado do que nas disciplinas com conteúdos técnicos, que estão mais próximas dos interesses e da experiência profissional da maioria deles. No entanto, o uso correto da linguagem falada e escrita como ferramenta para melhorar a compreensão dos alunos facilita a comunicação entre professor-aluno independentemente da disciplina, além de possibilitar melhor entendimento das outras disciplinas e ampliar as oportunidades no mercado de trabalho.

Algumas estratégias são apontadas por professores das disciplinas de produção e interpretação de textos que servem para amenizar os efeitos desta situação numa tentativa de estimular os estudantes a melhorar seu nível de produção de textos. Algumas dessas estratégias incluem a utilização de vídeos e a leitura de artigos e crônicas, onde o aluno deve apresentar uma resenha sobre o assunto e fazer uma apresentação para a turma.

Analisando essas estratégias e trocando experiências com outros professores da área, pode-se concluir que são procedimentos bem sucedidos no que diz respeito a provocar uma maior motivação dos alunos em sala de aula e a propiciar uma maior interação professor-aluno e de uma melhora na linguagem escrita dos alunos.

O ambiente da sala de aula com todas as relações envolvidas também é responsável pelo progresso observado nas turmas, porque envolve elementos que facilitam e estimulam o relacionamento com os colegas.

O ambiente escolar presencial, mais precisamente as relações sociais desenvolvidas dentro da sala de aula, é responsável por esse progresso observado nas turmas porque

envolve outros elementos que facilitam as estratégias dos professores tais como regras e procedimentos disciplinares da instituição que acabam influenciando questionamentos e discussões no comportamento e na formação de valores dos alunos. A hora dos intervalos, as conversas pelos corredores e as atividades culturais promovem a possibilidade de socialização, identidade e aprendizagem. Estes espaços são importantes para convivência social, troca de experiências e divertimento desde a época da pré-escola. Neles aprendem-se questões de cidadania, convive-se com conflitos e aprende-se a superá-los.

Na disciplina de Comunicação Empresarial, um dos objetivos foi o de melhorar o nível da capacidade de escrever dos alunos ingressantes. Esta dificuldade que alguns alunos apresentam é em parte reflexo da formação recebida no ensino fundamental e médio e pode limitar o seu futuro profissional. Com o objetivo de desenvolver a capacidade de produção e interpretação de textos dos alunos foi aplicada a estratégia com a leitura de artigos e crônicas de Lya Luft e Diogo Mainardi publicadas na revista *Veja* (Editora Abril) estratégia utilizada em 40% das aulas e na apresentação de vídeos (filmes e palestras) para os alunos tais como: *Escritores da Liberdade* do diretor Richard LaGravenese (Estúdios UIP, EUA, 2007) e *Wall-e* do diretor Andrew Stanton (Estúdios Disney-Pixar, EUA, 2008) e palestras diversas com conteúdo relacionado ao curso de Gestão da Qualidade ou Processos Gerenciais. A apresentação em vídeo foi utilizada em 18% das aulas.

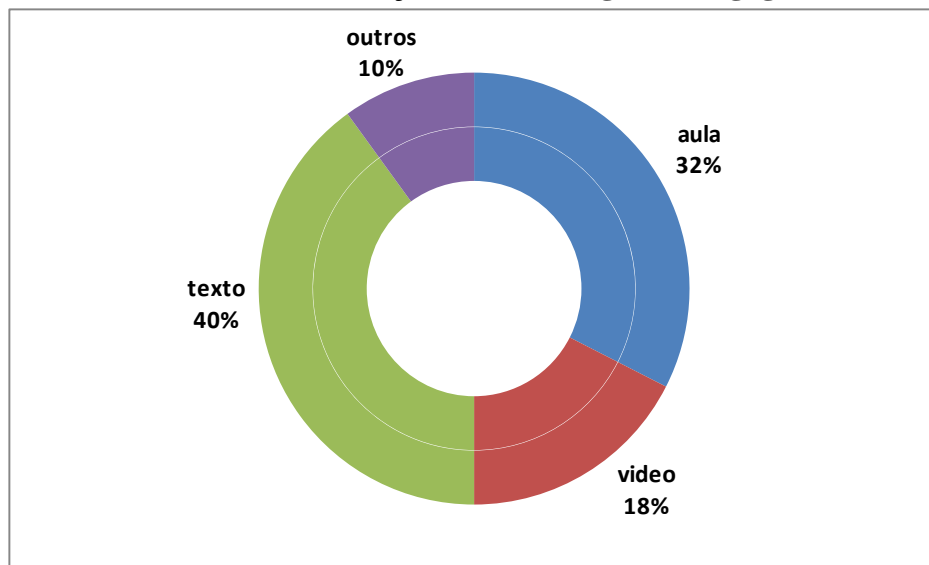
Na aplicação dessas duas estratégias, que juntas tomaram quase 58% das aulas as atividades eram precedidas de uma apresentação dos assuntos que os alunos iriam encontrar, dos objetivos da atividade e encerrava-se com uma produção de texto com a interpretação do que foi apresentado, seguido por um debate entre os alunos.

O gráfico a seguir indica a distribuição da carga horária da disciplina de Comunicação Empresarial (40 h/a - horas/aula) com estratégias aplicadas:



- 13 h/a foram utilizadas com teorias e metodologias;
- 7 h/a com a aplicação de vídeo;
- 16 h/a com a aplicação de textos (crônicas e artigos científicos);
- 4 h/a com revisão e as avaliações oficiais da IES.

**Gráfico 1: Distribuição das Estratégias Pedagógicas**



**Fonte: elaborado pela autora**

### **3.4.1 O Uso de Crônicas**

Neste contexto o objetivo dessa pesquisa foi o de avaliar a estratégia utilizada na disciplina de Comunicação Empresarial com a aplicação de crônicas de Lya Luft e Diogo Mainardi veiculadas na revista Veja, nas turmas de Gestão da Qualidade e de Processos Gerenciais com a finalidade de melhorar a interpretação e produção de textos dos alunos ingressantes.

Com a utilização de meios de comunicação (filmes, jornais e revistas), observa-se uma maior interatividade no processo de aprendizagem, transformando o professor em mediador desse processo o que requer dele a necessidade de desenvolver habilidades para o

trabalho em grupo e da aprendizagem cooperativa. Observa-se também que os alunos se interessam por aulas com estes recursos, principalmente quando percebem que existe um preparo por parte dos professores em conciliar a teoria dos assuntos concernentes à disciplina ou ao conteúdo programático, com a aplicação relevante aos acontecimentos atuais, despertando neles mais curiosidade e atenção.

Esse ambiente possibilita que professores e alunos passem a interagir de forma colaborativa, num processo evolutivo, transformando a disciplina de Comunicação Empresarial mais próxima de fatos do dia-a-dia e adequando seu conteúdo programático para as necessidades atuais do mercado de trabalho. Assim, com essa estratégia pedagógica ocorre a possibilidade do professor agir diretamente na construção da disciplina e colaborar na evolução do perfil profissional dos futuros egressos.

A escolha da revista Veja se deu pelo fato dela atualmente fazer parte do hábito de leitura da classe média brasileira, preenchendo uma necessidade importante de leitura e substituindo em certa medida a leitura diária de jornais. Das crônicas publicadas regularmente pela revista Veja foram selecionadas as dos escritores Diogo Mainardi e Lya Luft. A escolha desses escritores teve como objetivo apresentar para os alunos visões e estilos diferentes na abordagem de alguns assuntos.

Diogo Mainardi escreve mais sobre política e desenvolve suas crônicas críticas com alto teor de sarcasmo. O ritmo de suas crônicas equilibra polêmica e humor, ele consegue produzir um discurso que atrai a atenção mesmo daqueles que não partilham de seus pontos de vista.

Lya Luft escreve sobre assuntos variados e seu posicionamento crítico é um constante apelo para a ética e a cidadania. A escritora é conhecida por sua luta contra os

estereótipos sociais e não gosta de discutir teorias literárias, especialmente quando se referem à sua obra.

Tão importante quanto selecionar os temas que incorporam a produção desses dois escritores é a maneira como são colocados aos alunos e a proposta pedagógica a ser desenvolvida com eles.

### **3.4.2 O uso de vídeos**

A apresentação de filmes, palestras ou treinamentos em vídeos ajudam o professor a atrair a atenção dos alunos, aproxima aula do cotidiano dos alunos e também introduz novas questões no processo educacional.

O vídeo está ligado à televisão e a um contexto de lazer, assim para que essa prática pedagógica tenha efeitos positivos o aluno não pode conceber a aula com vídeo como uma aula de descanso o que modifica a postura e as expectativas em relação ao seu uso.

O professor deve atrair o aluno para os assuntos do seu planejamento pedagógico apresentando o vídeo como uma forma de auxiliar a aprendizagem. Neste contexto, o vídeo significa uma outra maneira de apresentar os conteúdos curriculares da disciplina através de uma superposição de códigos e significações diferentes das normalmente apresentadas com um apelo audiovisual, que pode aproximar os objetivos e conteúdos da aula para a realidade do aluno.

Buscando um consenso junto aos professores que utilizam o vídeo em sala de aula surgiram propostas de sua utilização para melhor atingir os objetivos pedagógicos. Uma orientação é a de que o professor deve começar por vídeos simples e depois, quando os alunos estiverem acostumados com essa mídia como objetivo educacional, passar a exibir vídeos mais complexos. Antes de exibir o vídeo o professor deve fazer uma pequena fala para

apresentar o vídeo e introduzir o assunto que será abordado, para despertar a curiosidade, a motivação dos alunos. Esta fala deve conter somente aspectos gerais do vídeo (autor, duração, prêmios etc.) e não interpretar ou prejudicar antes da exibição para que cada um possa fazer a sua leitura. Recomenda-se também que o professor verifique com antecedência a qualidade da cópia do vídeo para evitar inconvenientes durante a apresentação.

Para trabalhar o vídeo apresentado, o professor pode exibir novamente as cenas mais importantes e solicitar comentários dos alunos. A partir do que os alunos acharem mais interessante, o professor pode estimular um debate, porém tomando o cuidado de não impor sua opinião ou monopolizar a discussão. Essa dinâmica deve ser relatada por escrito e posteriormente o professor e os alunos destacam as coincidências e divergências sobre o assunto.

Outras dinâmicas interessantes para fazer com o grupo de alunos é o de dramatizar situações importantes do vídeo já visto e discuti-las comparativamente. Usar a representação, o teatro como meio de expressão do que o vídeo mostrou, adaptando-o à realidade dos alunos e adaptar o vídeo ao grupo contando por escrito ou de forma oral as situações próximas aos alunos das mostradas no vídeo;

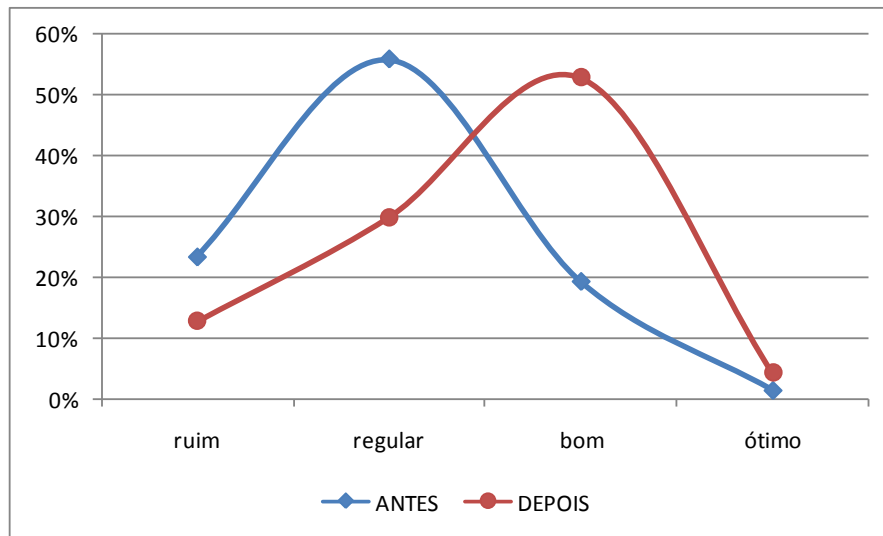
### **3.4.3 Avaliação das estratégias**

A avaliação das estratégias pedagógicas adotadas, com o objetivo de melhorar o desempenho de leitura, interpretação e produção de textos no desenvolvimento da disciplina de Comunicação Empresarial foi realizada em dois momentos: uma no início do 1º semestre e outra no final do 2º semestre. Para isto foram utilizados dois instrumentos: a) questionário de auto-avaliação onde os alunos atribuíam para si, conceitos ruim, regular, bom e ótimo para o seu desempenho em um teste de leitura; b) provas oficiais da IES.

## Auto-avaliação

Na auto-avaliação os alunos davam suas impressões com relação ao seu desempenho na leitura e interpretação de um artigo e seu nível de evolução.

**Gráfico 2: Auto-avaliação (dos alunos) em Comunicação Empresarial**



**Fonte: elaborado pela autora**

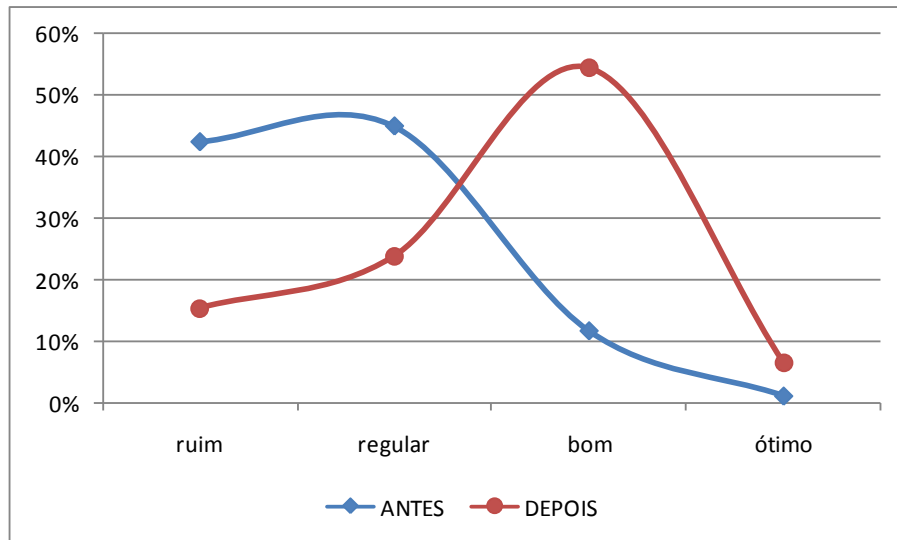
Pelo gráfico 2 acima pode-se destacar uma melhora ao perceber a curva que representa o “DEPOIS” (depois da aplicação da estratégias pedagógicas) sendo deslocada à direita (conceitos mais altos) em relação à curva do “ANTES” (no início do curso).

## Avaliação Oficial

Nas avaliações oficiais da instituição também percebe-se uma grande melhora dos alunos na questão de leitura, interpretação e produção de textos. Entre o primeiro momento (“ANTES”) e o segundo momento (“DEPOIS”) a ocorrência do conceito “ruim” diminuiu de 42% dos alunos para 15% e o mesmo movimento aconteceu com o conceito “regular” que diminuiu de 45% para 23%. Além dessa alteração favorável no desempenho dos alunos

percebe-se, através do gráfico 3, que no conceito “bom” os alunos tiveram uma significativa melhora saindo de 12% dos alunos para 54%, o conceito “ótimo” melhorou de 1% para 7% dos alunos.

**Gráfico 3: Avaliação Oficial da IES em Comunicação Empresarial**



**Fonte: elaborado pela autora**

Importante ressaltar que toda a evolução no trato da leitura e escrita constatada nos alunos dos cursos de Gestão da Qualidade e Processos Gerenciais ocorreu com a aplicação estratégias metodológicas que envolviam recursos relativamente simples (textos e vídeos) porém com alto grau de envolvimento e relacionamento pessoal entre professor-aluno e aluno-aluno e com constante *feedback* dado aos alunos sobre os caminhos percorridos e o que estava por vir, principalmente respeitando as diferenças apresentadas entre os alunos.

Chickering e Gamson (1991) desenvolveram após anos de pesquisa princípios sobre como os professores ensinam e os alunos aprendem. Estes princípios contribuem para a melhoria do processo ensino-aprendizagem reconhecendo a complexa interação entre o como ensinar (didática) e o que ensinar (conteúdo). Sua aplicação depende essencialmente do

professor, dos alunos e da instituição envolvida e podem ser resumidas em: 1- Contato entre professor aluno, professores que encorajam o contato com os estudantes obtêm alunos mais motivados e comprometidos com o objetivo da disciplina; 2- Cooperação entre os alunos, reconhece a existência de um componente social no processo de aprendizagem que é mais favorecido quando resulta de um esforço coletivo da turma; 3- Aprendizagem ativa, o professor deve despertar o interesse do aluno, como por exemplo, fazer conexões da teoria com a prática; 4- Feedback imediato, os alunos precisam checar constantemente seu desempenho que pode acontecer informalmente durante as aulas ou em processos formais de avaliação; 5- Administração do tempo das tarefas, o uso eficiente do tempo durante as tarefas é uma questão crítica tanto para os alunos como para os professores, um bom gerenciamento do tempo facilita o processo de aprendizagem; 6- Estabelecimento de altas expectativas, o professor deve fixar objetivos desafiadores mas realizáveis para o desempenho dos alunos o que geralmente propicia um maior rendimento, participação e senso de responsabilidade por parte dos alunos; 7- Respeito às diferenças, o professor deve reconhecer nos alunos diferenças quanto à objetivo, motivação, desenvolvimento intelectual, condição socioeconômica e outros componentes que possam influenciar o processo de aprendizagem.

Analisando essas estratégias e trocando experiências com outros professores da área, pode-se concluir que são procedimentos bem sucedidos no que diz respeito a provocar uma maior motivação dos alunos em sala de aula e propiciar uma maior interação professor-aluno e de um aperfeiçoamento, embora modesto em alguns alunos, na linguagem escrita dos alunos.

A tabela 2 faz o cruzamento do resultado apurado através da avaliação oficial da IES antes e depois da aplicação das estratégias pedagógicas descritas, o percentual abaixo de cada frequência indica a participação em relação ao total dos alunos. Uma leitura desta tabela

indica a existência de uma associação entre a melhora no conceito de leitura, interpretação e produção de textos com a aplicação das práticas pedagógicas propostas (leitura de crônicas e apresentação de vídeos).

Observando a tabela pode-se perceber, por exemplo (na linha 3, coluna 2), que 83 alunos (30,3%) passaram, após a aplicação das práticas pedagógicas descritas, de um conceito regular para o conceito bom, o que indica a eficácia dessa prática.

**Tabela 2: Desempenho na Avaliação Oficial Antes e Depois das Práticas Pedagógicas**

		ANTES				TOTAL
		ruim	regular	bom	ótimo	
DEPOIS	ruim	34 12,4%	8 2,9%	0 0,0%	0 0,0%	42 15,3%
	regular	37 13,5%	19 6,9%	9 3,3%	0 0,0%	65 23,7%
	bom	44 16,1%	83 30,3%	22 8,0%	0 0,0%	149 54,4%
	ótimo	1 0,4%	13 4,7%	1 0,4%	3 1,1%	18 6,6%
	TOTAL	116 42,3%	123 44,9%	32 11,7%	3 1,1%	274 100,0%

**Fonte: elaborado pela autora**

Ao final do ano letivo em que as estratégias pedagógicas foram desenvolvidas aplicou-se entrevistas semi-estruturadas (apêndice II) em 23 alunos com o objetivo de avaliar os fatores abaixo relacionados ao EAD:

- Qualidade da Comunicação;
- Acesso a tecnologia;
- Grau de Exigência;



Antes da entrevista foi explicado para os alunos que uma das grandes virtudes do EAD reside no fato de estar em sintonia com as necessidades e tendências atuais e que proporciona a flexibilidade de local, horário e ritmo de estudo de cada um. Em seguida foi apresentado através do *email* da turma um texto da Lya Luft (revista Veja) e solicitado para que eles fizessem a leitura e interpretação do texto com base em algumas questões previamente colocadas.

Após o prazo dado para realização da tarefa online foi aplicada uma entrevista semi-estruturada em 23 alunos. Durante a entrevista tomou-se o cuidado de não se fazer intervenções inoportunas que pudesse afetar a opinião do entrevistado. Na tabulação das respostas, embora toda interpretação seja (em certo sentido) uma recriação, procurou-se alcançar o significado nuclear que o entrevistado desejava expor. Essa busca foi verificada durante a entrevista ao indagar continuamente se o entrevistado tinha entendido bem a pergunta e deixando-o sempre com liberdade para responder o que realmente achava e não o que poderia ser “politicamente correto” no momento.

A seguir é apresentado um resumo de uma das entrevistas entre a professora de Comunicação Empresarial (entrevistadora que será designada por “**P**”) com um aluno de Gestão da Qualidade (entrevistado que será designado por “Aluno 1” ou “**AI**”):

### ***Entrevista com AI***

**P:** Então **AI**, você conseguiu completar a tarefa que foi passada no *email* da classe?

**AI:** Tive muita dificuldade em completar a tarefa (...) lia o texto e não conseguia localizar no texto as respostas das questões colocadas (...) me senti incapaz de fazer esse trabalho

**P:** As questões não eram necessariamente para serem respondidas (...) foram colocadas para facilitar a interpretação do texto.

**AI:** (...) prefiro mais quando a senhora apresenta o texto e direciona a discussão antes de relatarmos o que entendemos do texto (...) prefiro fazer esse trabalho na classe...em grupo (...) como já fizemos algumas vezes.

**P:** Em que lugar e horário você “abriu” o email da classe para realizar a tarefa.

**AI:** (...) bem professora (...) em casa tenho *Internet* mas não tenho impressora (...) então imprimir o texto no serviço e depois tentei cumprir a tarefa nos meus horários de folga (...) mas sinto que não consegui fazer a lição como devia.

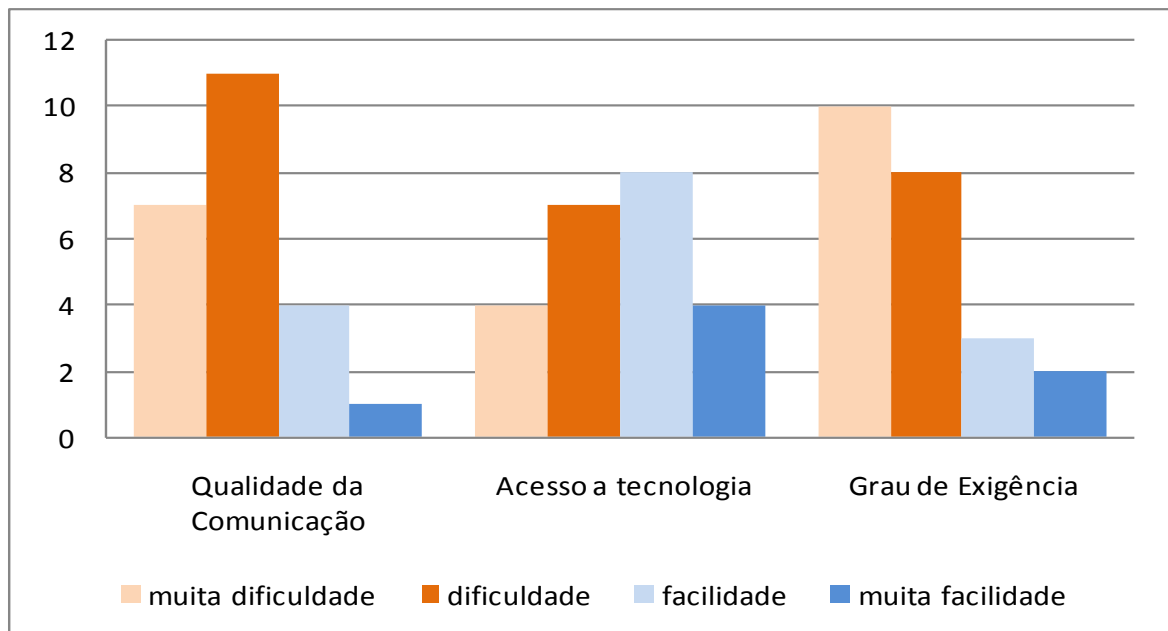
Consciente de que a diferença entre linguagem oral e escrita torna a transcrição da entrevista um momento crítico, em razão do risco de se perder o real significado da idéia do entrevistado, as respostas foram tabuladas para cada um dos três fatores (qualidade da comunicação, acesso a tecnologia, grau de exigência) com quatro níveis de escala (muita dificuldade, dificuldade, facilidade e muita facilidade). O Gráfico 4, a seguir, apresenta a tabulação das 23 entrevistas em relação aos problemas apontados na modalidade EAD.

Observando o gráfico podemos identificar no fator **Qualidade na Comunicação** uma grande dificuldade dos alunos. Apesar da flexibilidade existente no processo EAD, a comunicação mediada pelas tecnologias atuais sofre restrições. A ausência de gestos, tom de voz, expressões faciais e corporais na linguagem escrita pode dificultar a expressão de idéias e sentimentos.

Outro fator observado como gerador de dificuldade para parte dos alunos, foi com relação ao **Grau de Exigência** de disciplina individual e rotina nos estudos. Estudar a distância requer motivação, capacidade de organização, conhecimento e controle do processo de aprendizagem. Quem se acostumou a uma aprendizagem passiva e dirigida, como é o caso da maioria dos alunos dos cursos analisados neste trabalho, encontrará sérias dificuldades. O desconhecimento de estratégias de auto-aprendizagem, a falta de iniciativa, a incapacidade de gerir o tempo e controlar o próprio ritmo de estudo são os grandes problemas enfrentados.

No fator **Acesso à Tecnologia** percebe-se um equilíbrio entre os alunos que encontraram dificuldades e os que não tiveram problemas com o acesso. Embora o número de pessoas com acesso à *Internet* cresça consideravelmente, ainda ocorre uma dissonância grande entre as possibilidades que as atuais tecnologias podem proporcionar e o seu real alcance.

**Gráfico 4: Resultados da entrevista em função de fatores da EAD**



**Fonte: elaborado pela autora**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias atuais e a *Internet* estão trazendo novos desafios pedagógicos para as IES, modificando e ampliando o espaço formado pela sala de aula. Neste contexto, os professores precisam aprender a gerenciar, entender e integrar essas tecnologias cada vez mais à educação para acompanhar as atividades de seus alunos e aproveitar as experiências que eles trazem com o uso delas para que as buscas na *Internet* sejam efetivamente convertidas em aprendizagem.

A *Internet* é um elemento importante no processo de formação do conhecimento, porém não é o único e conclusivo, pois as informações que circulam no ciberespaço devem ser analisadas, debatidas e discutidas de maneira que o conhecimento autônomo e o pensamento crítico sejam sempre buscados. Assim, o espaço tradicional da sala de aula passa a conviver com o ciberespaço, onde as informações e os relacionamentos são os mais variados possíveis com velocidade e quantidade surpreendentes.

Embora existam condições de sistematizar e hierarquizar os conhecimentos que estão disponíveis no ciberespaço, a sala de aula (delimitada, institucionalizada, presencial), ainda proporciona uma série de experiências de conhecimentos e relacionamentos importantes aos estudantes.

Usar os novos meios de comunicação de maneira intensiva, relegando os contatos pessoais, podem sacrificar outros modos de pensamentos e relacionamentos que requerem contemplação, reflexão e introspecção que por sua vez podem sustentar a criatividade, a empatia, profundidade emocional e o desenvolvimento de uma personalidade única. Sem esses modos de pensamentos, podemos até ser bem produtivos e eficientes, mas como seres humanos poderemos nos tornar mais rasos e menos interessantes.

Os estudantes que estão crescendo neste mundo digital interativo aprendem de maneira diferente e apresentam uma nova demanda às universidades. Portanto, é importante criar mecanismos para que a pesquisa seja um passo a mais no desenvolvimento do aprendizado criativo e autônomo, dando oportunidades ao estudante e ao professor de refletirem sobre os conteúdos, promovendo de discussões e uma aprendizagem que parta de uma ação firme em busca do conhecimento gerado a partir do interesse, da participação e da cooperação.

Segundo a portaria 2253 do MEC, as IES podem flexibilizar seus currículos em até 20% da carga total para o ensino a distância. Esse percentual é uma etapa inicial da criação da cultura *on-line* em que cada IES definirá seu ponto de equilíbrio entre o presencial e o virtual em cada área do conhecimento. Algumas disciplinas podem ser oferecidas total ou parcialmente a distância enquanto outras necessitariam da presença física dos alunos.

No estudo de caso apresentado neste trabalho foram utilizadas estratégias pedagógicas que tinham como objetivos melhorar as habilidades de leitura e produção de textos dos alunos dos cursos de Gestão da Qualidade e Processos Gerenciais de uma IES. Estas estratégias se concentraram no uso de vídeos e crônicas de revistas e pode-se observar uma evolução nas habilidades dos alunos no final do ano letivo.

Embora a *Internet* não tenha sido usada com intensidade nestas estratégias, algumas informações sobre os conteúdos da disciplina foram trocadas por e-mails entre professor e alunos e algumas tarefas *on-line* foram solicitadas. Mais tarde, foi aplicado um questionário para os estudantes, e perceberam-se indícios de que os alunos destes cursos analisados ainda não tinham maturidade para o ensino a distância. Alguns alunos apresentaram dificuldade para completar as tarefas sozinhos e outros disseram que preferiam realizar as tarefas em sala de aula, pois se sentiam mais seguros para completá-las com as

orientações presenciais do professor. O acesso à *Internet* não foi constatado como problema, mas os alunos não criaram uma organização de tempo e local para realizar as tarefas. Alguns mostraram-se frustrados com isto.

Os resultados da pesquisa realizada no estudo de caso deste trabalho são válidos para a amostra pesquisada e não devem ser realizadas inferências para a população estatística de estudantes universitários. Assim, as condições sócio-econômicas e a educação descontinuada da maioria dos alunos pesquisados mostraram-se como fatores das dificuldades verificadas no uso da *Internet*. Essa questão exige do professor capacitação e experiência que permita autonomia e percepção do ritmo das linguagens utilizadas nos suportes midiáticos.

Para estudos futuros sugere-se analisar o impacto sobre os professores pela intensificação do uso das tecnologias atuais na educação que acabam agregando novas atividades, geralmente sem remuneração, ao trabalho docente. Este cenário exige do professor outras habilidades e um maior tempo despendido nas atividades extraclasse com conseqüente redução nos períodos destinados à sua atualização, estudos e descanso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc **Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade** – São Paulo: Papirus, 1994
- BARBERO, Jesús Martín **Globalização comunicacional e transformação cultural** In: MORAES, D (org.) Por outra comunicação Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57 a 86.
- BARBERO, Jesús Martín **Desafios Culturais da Comunicação à Educação** Revista Comunicação & Educação, São Paulo n. 18 mai/ago 2000, p. 51 a 61
- BELLONI, Maria Luiza **Educação à distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON Jean Claude **A reprodução – elementos para teoria de um sistema de ensino** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1992
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface** São Paulo: Hacker, 2001
- CHICKERING, Arthur W.; GAMSON, Zelda F. **Applying the seven principles for good practice in undergraduate education** San Francisco: Jossey-Bass, 1991 New Directions for Teaching and Learning, nº4
- CITELLI, Adilson **Comunicação e Educação: convergências educomunicativas** Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo: ESPM, 2010 n. 19 jul/2010, p. 67 a 85.
- CITELLI, Adilson (org.) **Comunicação e Educação - A linguagem em movimento** - São Paulo: SENAC, 2004.
- DEMO, Pedro **Educação Hoje: novas tecnologias, pressões e oportunidades** São Paulo: Atlas, 2009
- EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1986.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões** -Revista Faculdade de Educação vol.24 n.1 São Paulo Jan./Jun. 1998
- FREIRE, Paulo **Educação como Prática da Liberdade** São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

- GIL, Antonio Carlos **Como elaborar projetos de pesquisas** São Paulo: Atlas, 1994.
- GONZÁLEZ, Jorge A. **Entre cultura(s) y cibercultur@(s). Incursiones y otros derroteros no lineales** La Plata: EDULP, 2008.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- INEP,2007 Disponível em <<http://www.inep.gov.br/download/superior/censo/2007>> Acesso em: 27/07/2010.
- INEP,2009 Disponível em <<http://www.inep.gov.br/download/superior/censo/2009>> Acesso em: 27/07/2010.
- JOSGRILBERT, Maria de Fátima Viegas **Atitudes** In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos **Adeus Professor Adeus Professora?** São Paulo : Cortez,1998
- LEVY, Pierre **Cibercultura** - São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEVY, Pierre **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- MATOS, Olgária **Filosofia – A polifonia da razão** São Paulo: Scipione, 1997
- MCLUHAN, Stephanie; STAINES, David **McLuhan por McLuhan: entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005
- MORAES, Maria Cândida **O paradigma educacional emergente**, São Paulo: Papirus, 1997
- SANTAELLA, Lúcia **Linguagens líquidas na era da mobilidade** São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTOS, F.M.T. **Múltiplas Dimensões das Interações em Sala de Aula** - Faculdade de Educação da UFMG, 2001. (Tese de Doutorado).
- SILVA, Daniela Regina **Psicologia da Educação e Aprendizagem** Indaiá: Asselvi, 2006.
- STEINBERG, Martha **Os Elementos Não-Verbais da Conversação** - São Paulo: Atual, 1988.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- VYGOTSKY, Lev S. **Formação Social da Mente** São Paulo: Martins Fontes, 1994



## Apêndice I: Questionário

1. Sexo
  - a) Masculino
  - b) Feminino
2. Idade
  - a) Menos de 20 anos
  - b) 21 anos a 30 anos
  - c) 31 anos a 40 anos
  - d) Mais de 40 anos
3. Em que tipo de estabelecimento de ensino você cursou o nível fundamental (antigo 1º grau)?
  - a) Em escola particular.
  - b) Em escola pública..
  - c) Parte em escola pública e parte em escola particular.
  - d) Outro tipo de escola.
4. Em que tipo de estabelecimento de ensino você cursou o nível médio (antigo 2º grau)?
  - a) Em escola particular.
  - b) Em escola pública..
  - c) Parte em escola pública e parte em escola particular.
  - d) Outro tipo de escola.
5. Qual tipo de ensino médio você cursou?
  - a) Normal.
  - b) Técnico.
  - c) Supletivo.
  - d) Outro tipo de curso.
6. Há quanto tempo você conclui o ensino médio?
  - a) Menos de 1 ano.
  - b) 1 ano a 2 anos.
  - c) 3 anos a 4 anos
  - d) Mais de 5 anos.
7. Você já fez ou começou a fazer algum curso superior?
  - a) Sim, conclui o curso.
  - b) Sim, mas tranquei a matrícula com o objetivo de retornar um dia.
  - c) Sim, mas abandonei o curso.
  - d) Não.
8. Se você trancou ou abandonou algum curso superior já iniciado, qual o principal motivo que o levou a essa decisão? Se não for o seu caso, passe para próxima pergunta.
  - a) Porque me decepcionei com o curso.
  - b) Porque mudei minha opção profissional.
  - c) Por motivos financeiros.
  - d) Outros motivos.
9. O que você espera, PRINCIPALMENTE, de um curso universitário?
  - a) Formação acadêmica para melhorar a atividade prática que já estou desempenhando.
  - b) Aquisição de conhecimentos que me permitam compreender melhor o mundo em que vivemos.
  - c) Aquisição de conhecimentos para melhorar meu nível de instrução e meu salário.
  - d) Outros objetivos (citar se possível):
10. Qual o fator principal que o levou a escolher esta Faculdade?
  - a) Influência de amigos e familiares.
  - b) Informações obtidas através dos meios de comunicação.
  - c) A possibilidade de obter bolsas de estudos.
  - d) Outros (citar se possível):
11. Em relação ao curso a que concorre, você se considera:
  - a) Muito Indeciso
  - b) Indeciso
  - c) Decidido
  - d) Muito decidido.

12. Qual o grau de instrução de seu pai?
  - a) Não frequentou escola.
  - b) Ensino Fundamental
  - c) Ensino Médio
  - d) Ensino Superior
13. Qual o grau de instrução de sua mãe?
  - a) Não frequentou escola.
  - b) Ensino Fundamental
  - c) Ensino Médio
  - d) Ensino Superior
14. De que tipo de atividade você MAIS participa?
  - a) Artísticas, culturais, religiosas.
  - b) Esportivas.
  - c) Outras.
  - d) Nenhuma.
15. Com qual das atividades abaixo citadas você ocupa MAIS tempo?
  - a) TV
  - b) Leitura, Música e Cinema.
  - c) *Internet*
  - d) Nenhuma dessas.
16. Qual é o meio que você MAIS utiliza para se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais?
  - a) Escrito (jornal ou revistas como Veja, Isto É, etc.).
  - b) Falado (jornal na TV ou no rádio).
  - c) *Internet*.
  - d) Não tenho me mantido informado.
17. Além dos textos didáticos e informativos, que tipo de livro você mais lê?
  - a) Romances, contos, crônicas e poesias.
  - b) Ficção científica.
  - c) Auto-ajuda.
  - d) Não costumo ler livros.
18. Quantos livros, aproximadamente, você tem em sua casa?
  - a) Nenhum.
  - b) Até 50.
  - c) De 51 a 100
  - d) Mais de 100.
19. Existe microcomputador em sua casa?
  - a) Sim.
  - b) Não (pule as duas próximas perguntas).
20. Você usa o microcomputador de sua casa predominantemente para:
  - a) Escrever textos (Word)
  - b) Planilhas eletrônicas (Excel)
  - c) Uso de algum software com aplicações específicas (PowerPoint, AutoCAD, PhotoShop, etc.)
  - d) Jogos e *Internet*
21. Quantas horas por dia você dedica, em média, ao uso do microcomputador em sua casa?
  - a) Uma hora ou menos.
  - b) Entre uma e duas horas.
  - c) Entre duas e cinco horas.
  - d) Mais de cinco horas.
22. Qual a renda mensal de sua família?
  - a) Abaixo de R\$ 1.000,00.
  - b) De R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00.
  - c) De R\$ 2.000,00 a R\$ 4.000,00.
  - d) Acima de R\$ 4.000,00.

## Apêndice II: Entrevista semi-estruturada

O objetivo da entrevista semi-estruturada é avaliar os fatores abaixo relacionados ao EAD:

Nome: \_\_\_\_\_ Curso: \_\_\_\_\_

### Fator1 - Qualidade da Comunicação:

- Você conseguiu completar a tarefa que foi passada no email da classe?
- Você entendeu o que foi solicitado? As instruções para realizar a tarefa estavam claras?
- O que você entendeu do texto?

### Fator 2 - Acesso a tecnologia:

- Você tem computador em casa com acesso à *Internet*?
- O mais você utiliza na *Internet*?
- Em que lugar e horário você “abriu” o email da classe para realizar a tarefa?

### Fator 3 - Grau de Exigência:

- Em sua casa você tem um lugar específico para estudar?
- Você tem o hábito de leitura?
- Consegue entender instruções que lhe são passadas por escrito?

**Anexo I: Portaria n.º 2253 de 18 de Outubro de 2001**

A portaria do Ministro da Educação institui que os Institutos de Ensino Superior (IES) do Brasil poderão a partir de agora oferecer até 20% de suas disciplinas na forma de cursos não presenciais. As avaliações finais destas disciplinas serão feitas na forma presencial, bem como os métodos e práticas de ensino - aprendizagem deverão utilizar tecnologias integradas de informação e comunicação.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - GABINETE DO MINISTRO**

Portaria n.º 2253 de 18 de outubro de 2001

Publicada no DOU em 19/10/2001

O Ministro de Estado da Educação, no uso de suas atribuições, considerando o disposto no art. 81 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no art. 1º do Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, resolve:

**Art. 1º** As instituições de ensino superior do sistema federal de ensino poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidas, a oferta de disciplinas que, em seu todo ou em parte, utilizem método não presencial, com base no art. 81 da Lei n.º 9.394, de 1996, e no disposto nesta Portaria.

§ 1º As disciplinas a que se refere o caput, integrantes do currículo de cada curso superior reconhecido, não poderão exceder a vinte por cento do tempo previsto para integralização do respectivo currículo.

§ 2º Até a renovação do reconhecimento de cada curso, a oferta de disciplinas previstas no caput corresponderá, obrigatoriamente, à oferta de disciplinas presenciais para matrícula opcional dos alunos.

§ 3º Os exames finais de todas as disciplinas ofertadas para integralização de cursos superiores serão sempre presenciais.

§ 4º A introdução opcional de disciplinas previstas no caput não desobriga a instituição de ensino superior do cumprimento do disposto no art. 47 da Lei n.º 9.394, de 1996, em cada curso superior reconhecido.

**Art. 2º** A oferta das disciplinas previstas no artigo anterior deverá incluir métodos e práticas de ensino-aprendizagem que incorporem o uso integrado de tecnologias de informação e comunicação para a realização dos objetivos pedagógicos.

**Art. 3º** As instituições de ensino superior credenciadas como universidades ou centros universitários ficam autorizadas a modificar o projeto pedagógico de cada curso superior reconhecido para oferecer disciplinas que, em seu todo ou em parte, utilizem método não presencial, como previsto nesta Portaria, devendo ser observado o disposto no § 1º do art. 47 da Lei n.º 9.394, de 1996.

§ 1º As universidades e centros universitários deverão comunicar as modificações efetuadas em projetos pedagógicos à Secretaria de Educação Superior - SESu -, do Ministério da Educação - MEC -, bem como enviar cópia do plano de ensino de cada disciplina que utilize método não presencial, para avaliação.

§ 2º A avaliação prevista no parágrafo anterior poderá facultar a introdução definitiva das disciplinas que utilizem método não presencial no projeto pedagógico de cursos superiores reconhecidos ou indicar a interrupção de sua oferta.

**Art. 4º** As instituições de ensino superior não incluídas no artigo anterior que pretenderem introduzir disciplinas com método não presencial em seus cursos superiores reconhecidos deverão ingressar com pedido de autorização, acompanhado dos correspondentes planos de ensino, no Protocolo da SESu, MEC.

Parágrafo único. Os planos de ensino apresentados serão analisados por especialistas consultores do Ministério da Educação, que se manifestarão através de relatório à SESu, e somente poderão ser implementados após a expedição de ato de autorização do Ministro da Educação.

**Art. 5º** Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

**Paulo Renato Souza**